

**Educação e Diálogo InterArtes: Relatório de Estágio no
Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC)**

Viviana Filipa Marques Garcia

**Relatório de Estágio de Mestrado em Trends in English and North-
American Studies**

outubro de 2024

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Trends in English and North-American Studies sob a orientação científica de Rogério Miguel Puga.

RESUMO

Este relatório descreve o estágio curricular realizado no Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC). São abordados tópicos como o diálogo interartes, literatura, artes plásticas, *soft skills*, e outros da área dos *Museum Studies*, bem como as tarefas realizadas ao longo do estágio, estas inteiramente relacionadas com Alberto de Lacerda.

PALAVRAS-CHAVE: *Museum Studies*, Estágio Curricular, Profissionalização, Educação, Diálogo InterArtes, *Soft Skills*, Competências.

ABSTRACT

This report describes the curricular internship carried out at the National Museum of Contemporary Art (MNAC). Topics such as interart dialogue, literature, visual arts, soft-skills, and others in the area of Museum Studies are covered, as well as the tasks carried out throughout the internship, which are entirely related to Alberto de Lacerda.

KEYWORDS: Museum Studies, Curricular Internship, Professionalization, Education, InterArts Dialogue, Soft Skills, Skills.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Rogério Miguel Puga pela orientação prestada ao longo da redação deste relatório e por tudo aquilo que representou para mim ao longo destes cinco anos de estudos,

À Professora Doutora Iolanda Ramos por toda a ternura e preocupação que me deram força nos momentos mais difíceis deste processo,

À Diretora Emília Ferreira pela oportunidade de estágio fornecida,

Ao Doutor Tiago Beirão Veiga pela orientação prestada ao longo do estágio,

Aos professores de mestrado por todos os ensinamentos facultados,

Aos meus amigos pelo apoio, paciência e carinho que me têm dado ao longo dos anos, mas particularmente nesta fase,

À minha família pelo amor incondicional que me dá forças para alcançar os meus sonhos,

Acima de tudo, aos meus pais por me terem dado a possibilidade de chegar até aqui e por acreditarem sempre em mim.

ÍNDICE

Conteúdo

Introdução	7
1. Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado (MNAC)	9
1.1. História.....	9
1.2. Missão	10
1.3. Edifício	11
1.4. Museum Studies	12
2. O diálogo Interartes	15
2.1. A literatura	15
2.2. As artes plásticas.....	16
2.3. A relação existente entre a literatura e as artes plásticas	18
3. O estágio curricular no MNAC	21
3.1. Antes do Estágio.....	21
3.2. Introdução às tarefas desenvolvidas no estágio	22
3.2.1. Descrição das tarefas desenvolvidas.....	22
3.2.1.1. Espólios e o caso particular de Alberto de Lacerda.....	22
3.2.1.2. Alberto de Lacerda – Biografias	25
3.2.1.3. Alberto de Lacerda – Poemas.....	26
3.2.1.4. Alberto de Lacerda – Guião entrevista	28
3.3. Reflexão final	29
Conclusão	31
Obras Citadas	33
Webgrafia	34
Anexos.....	35

Introdução

Quando exposta à escolha da modalidade de componente não letiva, decidi optar por um estágio curricular. Esta escolha esteve assente no facto de este me permitir colocar na prática todos os conhecimentos adquiridos em sala de aula. Além disso, através desta vivência, foi-me possível consolidar e desenvolver uma visão mais abrangente da área de estudo, não estando o estágio realizado diretamente relacionado com a mesma. Esta modalidade é essencial para o futuro profissional de qualquer estudante, pois proporciona o desenvolvimento de diversas competências profissionais, nomeadamente: a comunicação; o trabalho em equipa; a capacidade de solucionar problemas; a gestão de tempo; e as chamadas habilidades técnicas específicas à área de atuação.

O relatório que se segue pretende ser uma reflexão sobre as aprendizagens desenvolvidas no âmbito da componente letiva do mestrado em Trends in English and North-American Studies, aplicadas no estágio curricular no MNAC. Ao longo do estágio, coloquei em prática as chamadas *soft skills*, que, segundo Matteson, Anderson e Boyden, são «a collection of people management skills, important to many professions and job positions, including academic librarianship». Apesar de *soft skills* ser uma expressão reconhecida a nível internacional, não existe uma lista definitiva destas competências, como recordam os referidos autores:

articles on soft skills appear in a variety of disciplines as a trendy, but fuzzy, topic. We often refer to these skills when we observe them missing in someone – a colleague, a supervisor, a customer, or a service Provider. There is something appealing about a set of nontechnical, domain-independent skills that underpin our behavior in the workplace. We universally recognize that soft skills are important, but when pressed to describe particular soft skills, the concept becomes murky. (Matteson, Anderson e Boyden s.p.)

A instituição, para constituir o estágio referido, foi sugerida pelo orientador, o Professor Doutor Rogério Miguel Puga. A escolha pareceu-me ser a mais acertada devido

ao prestígio e missão do Museu. Ademais, poderia juntar a literatura, que é a minha área de estudos, e a arte, nas suas variadas formas, que sempre se mostrou como uma das minhas grandes paixões, bem como analisar de que forma se encontram no nosso quotidiano e no interior de um museu. Considerei ainda que esta escolha constituiria um bom ponto de partida para a minha inserção no mercado de trabalho.

O estágio teve a duração de seis meses, com início em novembro de 2023 e conclusão em abril de 2024, e um total de 800 horas. Este respeitou os requisitos exigidos pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), que vão desde a carga horária aos procedimentos patentes no protocolo. Tive como orientadores o Professor Doutor Rogério Miguel Puga, na faculdade, e o Doutor Tiago Beirão Veiga, no local de estágio. Não esquecendo a Diretora Emília Ferreira que foi também uma grande ajuda ao longo destes seis meses.

Na primeira reunião, ficou delineado aquele que seria o meu percurso. Desde as tarefas que poderia vir a realizar, à extensão do estágio, ao horário e ao local de trabalho. O estágio foi realizado em regime de teletrabalho, pois o espaço de escritório no museu é bastante reduzido. As tarefas realizadas centraram-se no apoio à investigação em torno da doação do espólio do poeta Alberto de Lacerda (1928-2007) ao MNAC e passaram por procurar o significado de espólio, pesquisar o legado do poeta, criar uma pequena antologia, fazer um guião de entrevista e redigir biografias de vários artistas cujas obras fazem parte do seu espólio.

O presente relatório está dividido em três partes, que abordam temáticas distintas. Iniciamos este documento com uma breve apresentação do local de estágio, das suas história e missão e do seu edifício, e ainda uma breve introdução ao conceito de *Museum Studies*. Em seguida, abordarei o diálogo Interartes, mais precisamente entre a literatura e as artes plásticas, como o desenho e a pintura. Considerei de grande interesse a abordagem deste tópico, não só por ser a base em que assentou o estágio que realizei no MNAC, mas por ser, essencialmente, a única forma de explicar o facto de uma aluna de literatura estagiar num museu de arte contemporânea. A terceira e última parte, dá a conhecer as ações desenvolvidas no museu, passando pela descrição das tarefas realizadas, que conduziram a uma melhor perceção acerca da ligação entre a literatura e as artes plásticas. A conclusão reflete sobre a importância do estágio (componente não letiva) no contexto académico e profissional, não esquecendo o impacto que teve no meu desenvolvimento pessoal.

1. Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado (MNAC)

1.1. História

O Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) localiza-se no Chiado, em Lisboa. Fundado em 1911, a instituição surgiu da grande necessidade de criar uma sede dedicada à arte contemporânea. Nos seus primórdios, o museu foi instalado no Convento de São Francisco, de modo a aproveitar a estrutura de um antigo mosteiro franciscano, localizado num espaço vizinho da Academia de Belas Artes. A instalação do museu nesta zona vinha, simbolicamente, situá-lo na zona frequentada pelas tertúlias dos intelectuais e artistas cujas obras e imagens se encontram representadas no museu. A criação deste museu esteve profundamente ligada à reorganização do Museu Nacional de Belas Artes, que se dividiu em dois museus: o MNAC, que se focava em arte contemporânea; e o Museu Nacional de Arte Antiga (MNAAP), também este um prestigiado museu português.

Nos primeiros anos da sua existência, o MNAC reuniu um acervo de obras de artistas portugueses dos séculos XIX e XX. Foi também ao longo do século XX que o museu sofreu diversas fases de reestruturação para se adaptar às mudanças nos cenários artístico e cultural. Na década de 90 do século XX, foi alvo de uma enorme renovação e ampliação, e em 1994 foi “reinaugurado” no edifício histórico do Convento de São Francisco, atualmente remodelado com instalações modernas, que permitiram uma melhor conservação e exibição das suas coleções. Todas estas renovações foram cruciais para posicionar o MNAC como uma instituição de referência no que diz respeito à arte contemporânea de, e em Portugal.

Atualmente sob a direção de Emília Ferreira, o MNAC é conhecido pela sua programação diversificada, que inclui exposições temporárias de artistas contemporâneos nacionais e internacionais e também amostras permanentes que destacam obras de figuras importantes da arte portuguesa. O museu promove atividades educativas, conferências e publicações, que fomentam o debate e a reflexão sobre a arte contemporânea.

A coleção do museu continua a ser atualizada, maioritariamente através de doações e legados de artistas e colecionadores. O acervo do museu é bastante vasto, tanto que grande parte da sua coleção se encontra armazenada e vai sendo exposta rotativamente, e inclui

desenhos, fotografias, pinturas, esculturas e outras formas de arte contemporânea. Este acervo reflete toda a evolução da arte em Portugal desde o século XIX até à atualidade, com destaque para artistas e movimentos que marcaram a história artística do país. O MNAC não só preserva o legado de artistas consagrados, como também apoia a criação contemporânea, proporcionando um espaço para a exibição de obras inovadoras e experimentais, como se tem visto em algumas das exposições mais atuais.

1.2. Missão

A grande missão do MNAC é promover, preservar e divulgar a arte contemporânea em Portugal. Essa missão divide-se em:

- **Preservação e Conservação**

O museu tem como compromisso conservar e preservar o seu acervo, que inclui obras de artistas portugueses e internacionais dos séculos XIX, XX e XXI. Através de várias técnicas e práticas avançadas de conservação, o museu assegura que as suas obras são mantidas em condições ideais para a sua preservação e o seu estudo.

- **Promoção e Divulgação**

O MNAC promove a arte contemporânea através de várias exposições, sejam estas temporárias ou permanentes, que dão destaque à diversidade e à riqueza da produção artística atual. Este cuidado tem o intuito de levar a arte contemporânea a um público mais alargado, para fomentar um maior conhecimento e apreciação desta forma de arte.

- **Educação e Formação**

O museu oferece uma enorme variedade de programas educativos e culturais, que visam educar diferentes públicos-alvo. Esses programas incluem visitas guiadas, seminários, conferências, oficinas e publicações, que promovem uma maior compreensão da arte contemporânea e incentivam a participação ativa do público.

- **Apoio à Criação Artística**

O museu apoia a criação artística contemporânea, de artistas emergentes e consagrados, e, por isso, todos têm um espaço para exibirem as suas obras. É através de colaborações e parcerias com artistas e outras instituições culturais que o museu incentiva a experimentação e a inovação no campo das artes visuais.

- **Reflexão e Debate**

O MNAC procura ser um espaço onde o debate e a reflexão sobre questões contemporâneas estejam presentes, olhando para a arte como meio de abordar questões sociais, políticas e culturais.

- **Intercâmbio Cultural**

O museu valoriza o intercâmbio cultural e estabelece por isso parcerias com museus, galerias e instituições em Portugal e no estrangeiro.

Em suma, a missão do MNAC é constituir-se como um espaço de reflexão e conhecimento, servindo como uma ponte entre o passado, o presente e o futuro da arte contemporânea em Portugal.

1.3. Edifício

O Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado encontra-se numa construção histórica que reflete a evolução arquitetónica e cultural de Lisboa. Está instalado no Convento de São Francisco, edificação que remonta ao século XIII. Fundado em 1217, tem passado por várias modificações ao longo dos tempos. Originalmente, o convento apresentava o estilo gótico característico das construções medievais. Porém, após o terramoto de 1755, o edifício foi reconstruído, incorporando elementos do estilo pombalino.

Já no século XIX, com a extinção das ordens religiosas em Portugal, o Convento de São Francisco foi secularizado e passou a ter várias utilizações. Como referido anteriormente, em 1911, o edifício foi adaptado para abrigar o MNAC e para se manter a

par das exigências da museologia contemporânea, tendo já sofrido várias renovações. Com a mais recente renovação foram incluídos novos espaços expositivos, a climatização adequada para a conservação das obras de arte e a implementação de sistemas modernos de segurança e iluminação. Além disso, foram criadas zonas para o público, como uma cafetaria, uma livraria e espaços para atividades educativas e culturais.

O edifício dispõe de amplas galerias, que sofrem alterações consoante cada exposição, mudando-se a localização das paredes internas para proporcionar uma experiência fluida e enriquecedora ao visitante. Apesar de todas as renovações que o Convento tem sofrido, algumas das suas características originais mantêm-se, como as abóbadas, os arcos góticos, que dão ao MNAC um charme muito particular e que o distingue dos restantes museus da atualidade.

O MNAC beneficia também pela sua localização no coração do Chiado. Encontra-se próximo de vários pontos turísticos, como o Elevador de Santa Justa, o Teatro Nacional de São Carlos e a Praça do Comércio, e tem uma acessibilidade facilitada por se encontrar na proximidade de várias vias e estações de transportes públicos.

A integração do MNAC no Convento de São Francisco representa a união entre as tradições do passado e a modernidade, refletindo a sua missão de promover e preservar a arte contemporânea num contexto histórico. Assim, o MNAC é, sem dúvida, um agente fundamental da história cultural da cidade de Lisboa, fazendo dele um ponto turístico de grande relevância.

1.4. Museum Studies

Ao longo dos séculos, os museus têm vindo a ganhar uma maior notoriedade e prestígio. Atualmente, as noções de obra de arte e artes plásticas está intimamente ligada ao museu. Por definição, um museu é, segundo o International Council of Museums (ICOM), “a non-profit making, permanent institution in the service of society and of its development, and open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits for the purposes of study, education and enjoyment, material evidence of people and their environment” (Alexander e Alexander 2).

Assim, a área de estudos denominada *Museum Studies* é um campo interdisciplinar que se dedica ao estudo da teoria e da prática de museus e tudo o que estes abrangem,

seja relacionado com administração e operação de museus, incluindo a preservação, educação, curadoria, exibição e interpretação de coleções, ou a gestão de museus e políticas culturais. A preservação e a conservação focam-se na manutenção e cuidado de todos os objetos dentro das coleções do museu, com o intuito de prevenir eventuais danos e a deterioração dos artefactos, e, ocasionalmente, os profissionais dessa área têm também de restaurar os objetos danificados. A educação e a programação envolvem o desenvolvimento de atividades e programas educacionais, como *workshops*, visitas guiadas, programas escolares e palestras. O ramo da curadoria envolve a seleção, organização e exibição das coleções, seja de artefactos, obras de arte ou outros objetos de interesse. São estes os responsáveis por criar exposições temáticas que captem o interesse do público. Já a exposição e o *design* enfocam-se na criação de espaços visualmente atraentes e que transmitam informações de forma eficaz a todos os visitantes. Em relação à gestão dos museus, esta abrange a administração geral do mesmo, incluindo o marketing, a gestão financeira, os recursos humanos e a captação de recursos.

Cada vez mais contemplamos os museus como espaços de memória, é nestes que vemos um maior significado atribuído a histórias privadas de muitos artistas, ou figuras importantes da história, “autobiographical story telling is part of the museum's newly perceived function of giving voice to the individual fate and transforming bystanders and later generations into ‘secondary witnesses’” (Andermann e Simine 2). A forma mais eficaz de conseguir alcançar esta noção é através da utilização de tecnologias multimédia e estratégias narrativas associadas a formas de arte, como é exemplo a literatura. O objetivo é:

to facilitate experiential learning, to invite emotional responses from visitors, and to make them empathize and identify with people from the past or with their living contemporaries inhabiting alternative modernities in distant places, as if "reliving" their experience, in order to thus develop more personal and immediate forms of affective engagement and imaginative investment. (Andermann e Simine 2)

Este campo interdisciplinar como área de estudos é oferecido em vários ciclos de estudos universitários, como licenciaturas, mestrados e até doutoramentos, e tem como

fim preparar os estudantes para carreiras em museus, galerias, centros culturais e todas as restantes instituições relacionadas com o património cultural. Sharon Macdonald afirma que, atualmente, *Museum Studies* se tornaram *main-stream* e que,

they have also come to recognize that understanding the museum requires moving beyond intra-disciplinary concerns to greater dialogue with others, and to adopting and adapting questions, techniques, and approaches derived from other areas of disciplinary expertise. All of this has contributed to museum studies becoming one of the most genuinely multi- and increasingly inter-disciplinary areas of the academy today. (Macdonald 1)

A noção de que os museus são uma forma de “fossilizing culture” (Andermann e Simine 6) está errada, pelo facto de que, ao contrário do que muitos pensam, Jens Andermann e Silke Arnold-de Simine afirmam, “museums have proved to be remarkably adept at accommodating cultural change” (Andermann e Simine 6). Foi também algo que pude observar ao longo do estágio, através das diversas exposições que tive o privilégio de visitar.

2. O diálogo Interartes

2.1. A literatura

Literatura é, se quisermos simplificar, uma forma de arte ou expressão artística que utiliza uma linguagem estética para transmitir ideias, conhecimentos, histórias e sentimentos. Apesar de parecer um conceito simples, até aos dias de hoje não existe uma definição fixa de literatura, sendo que esta é muito vasta e multifacetada. Charles W. Kent afirma:

If the reader feels that this whole discussion is of little avail, because the proposed definition, if needed at all, is neither surprising in its contents, nor attractive in its form, he should remember that good definitions are simple; and if they are good definitions they are so partly by virtue of their very simplicity. (Kent 313)

Podemos afirmar que a literatura é um reflexo do tempo e do espaço em que foi criada e serve por isso como um registo das nuances sociais, históricas e culturais de diferentes eras ao longo dos séculos. É esta que nos permite estudar e analisar o passado e apresenta-se como um dos melhores meios de preservação cultural, já que é através dela que guardamos histórias, mitos e lendas.

Apesar de ser subjetiva, desempenha um papel essencial na formação do indivíduo. É através da leitura que somos confrontados com diversas perspetivas que nos fazem reavaliar as nossas crenças e preconceitos. É com a literatura que nos permitimos viver vidas que não as nossas, que nos deixamos sonhar e que criamos ligações com personagens fictícias que, muitas das vezes, refletem verdades universais. J. Hillis Miller afirma: “Literature, in spite of its approaching end, is nevertheless perennial and universal. It will survive all historical and technological changes. Literature is a feature of any human culture at any time and place.” (Miller 14). Sendo assim, a literatura é uma expressão da criatividade humana, um reflexo da sociedade, um arquivo de cultura e um instrumento de introspeção.

No presente relatório, detemo-nos sobretudo na poesia. A poesia remonta aos tempos de Aristóteles “In the beginning, Aristotle says, those who were by nature particularly skilled at imitation, harmony and rhythm after a gradual development generated poetry out of improvisations.” (Lord 197). Tal como afirma Peter Simpson, Aristóteles faz-nos acreditar que para ele “poetry is imitation” (Simpson 279). No entanto, sente a necessidade de distinguir poesia das outras artes e para isso acrescenta à sua definição que “Poetry imitates using language and rhythm, and (usually) also harmony or song. Use of language will distinguish poetry from dancing and music, and use of rhythm, or generally verse, will distinguish it from prose imitations like Socratic dialogues” (Simpson 279). Atualmente, ainda não existe uma definição exata do que é Poesia. Porém, para Anna Christina Ribeiro,

The eighteenth-century poet, to write poetry, had to use meter, but today's poet must only take some stand or other toward metrical regularity. Poetry will, in all likelihood, change further in the future. But inasmuch as this is the tradition poets must contend with, their poetic intentions are unavoidably bound up with the artistic concerns of their predecessors. (Ribeiro 199)

Como veremos, durante o estágio ocupei-me do espólio de Alberto de Lacerda doado ao MNAC, das suas obras de arte e da sua produção literária e da relação entre literatura, sobretudo poesia, e artes plásticas.

2.2. As artes plásticas

Em teoria, as artes plásticas são uma das formas de expressão humana mais antigas. Remontam às primeiras representações visuais nas cavernas, chamadas de Arte Rupestre. A sua história passa por vários momentos ao longo do desenvolvimento humano, refletindo a evolução social, cultural e tecnológica das sociedades ao longo do tempo. Os principais períodos e movimentos artísticos são: a Pré-História, a Antiguidade, a Idade Média, o Renascimento, o Barroco e o Rococó, o Neoclassicismo e o Romantismo, o Modernismo e por fim a Arte Contemporânea, com movimentos como o Expressionismo,

a Pop Art, O Pós-Modernismo, entre outros. Esta história reflete a criatividade humana e a capacidade do ser humano de se adaptar e inovar. Hugh Honour e John Fleming afirmam:

Histories of art inevitably reflect the minds and feelings of their authors, who have been almost as diverse as the artists about whom they write – as diverse and many-sided as the works of art themselves. For works of art are more than aesthetically pleasing objects, more than feats of manual skill and ingenuity: they deepen our insight into ourselves and other, they sharpen our awareness of our own and other modes of thought and religious creeds, they enlarge our comprehension of alternative and often alien ways of life- in short they help us to explore and understand our own human nature. The creation of works of art is the activity that most clearly distinguishes human beings from other animals. (Honour e Fleming 21)

Existem inúmeras formas de arte, como a pintura, a escultura, o desenho, a gravura, a cerâmica e a fotografia. Porém, neste relatório, nem todas estas expressões artísticas serão abordadas ao relatar as atividades realizadas. Falando das que tiveram mais impacto para a realização do relatório: a pintura é uma técnica que utiliza diversos materiais como tinta, giz, carvão, grafite, lápis de cera, entre outros, para produzir imagens numa superfície, normalmente papel; o desenho é a técnica de criar imagens através de instrumentos como o lápis e canetas, e, apesar de servir como meio de planejar outras formas de arte, é por si só uma arte completa; a fotografia é um método revolucionário que veio alterar a maneira como documentamos o mundo, serve para captar momentos fugazes através de processos químicos e digitais. As artes plásticas permitem-nos ainda refletir sobre a condição humana e promovem a criatividade e a compreensão intercultural.

A arte é subjetiva e cada um a percebe à sua maneira, consoante inúmeros fatores, “Art educators need to be sensitive to the dynamics of how people "see" art. Seeing is no longer taken as a mechanical viewing; rather, it involves a complex of factors (values, purposes, context). Moreover, seeing involves the responsibility of judging.” (Hausman

172). Os museus são então locais de introspeção, por serem espaços tranquilos que nos obrigam a refletir ao imergirem-nos em arte, cultura e história.

2.3. A relação existente entre a literatura e as artes plásticas

A literatura e as artes plásticas são duas formas distintas de expressão artística. No entanto, ao longo dos tempos, têm mantido uma relação muito estreita, e apesar de parecerem completamente distintas, partilham entre si a capacidade de comunicar ideias, emoções e experiências. Porém, fazem-no utilizando técnicas e meios bastante diferentes.

Na *Poética* de Aristóteles vemos a poesia e a pintura como “artes irmãs”, não usa diretamente esta expressão no seu texto, mas através da sua obra deixa claro que ambas são uma forma de imitação (*mimesis*) da realidade. A poesia imita por meio da linguagem, da estrutura narrativa e do ritmo, enquanto a pintura o faz por meio de imagens visuais. Segundo Carlos Palhares,

a poesia e as artes em geral, contudo, não dependem estritamente do conteúdo de verdade do seu objeto. Caracterizam-se como poesia e arte as produções que se tornam capazes de acrescentar ao objeto, no caso da poesia estética, algo mais. Em um sentido mais amplo, o campo de operação das representações e/ou imaginações poéticas é o ficcional. É dado, então, que o termo mimese é constantemente utilizado para designar o processo de composição do mito que não é cópia ou reprodução de acontecimentos ou coisas pré-determinadas. Daí verificamos também que, diferentemente do que foi considerado por Platão, para o estagirita a mimese não representa uma mera imitação: trata-se, na verdade, de uma atividade que, ao mesmo tempo que reproduz o real, na possibilidade, o supera, o aprimora, o melhora, modificando e recriando-o, ou seja, o termo foi concebido não no sentido da cópia, mas da criação de novos parâmetros para a observação do real. Acreditamos, dessa forma, que a mimese não é dada como simples e pura duplicação do real, mas como algo capaz de criar o existente através de novas correlações, proporcionando bases para possíveis interpretações do mesmo. (Palhares 16)

Ainda sobre *mimesis*, segundo Valdevino Oliveira, “Ut pictura poesis, “a poesia é como a pintura”, assim se expressou a tese horaciana.” (Oliveira s.p.).

Existem várias formas de ligação entre estas duas formas de arte, sendo a mais óbvia a inspiração e influência mútua que apresentam. Muitos escritores descrevem nos seus textos obras de artes (*ekphrasis*) com as quais tiveram contacto e o contrário também acontece, quando artistas se inspiram em textos para produzir pinturas ou outros tipos de artes plásticas. Um exemplo da junção de ambas as formas artísticas é *Os Lusíadas*, segundo Carlos Ascenso André, citado por Oliveira,

O olhar assume lugar de relevo ao longo de sua epopeia. O vocabulário das cores abunda nos seus versos, dele fazendo um pintor verbal dotado de prodigiosa paleta. As artes plásticas são frequentemente evocadas. Na construção de quadros e cenários, o poeta faz ver para lá do que diz: a palavra é também traço, é forma, é cor; e sua poesia é uma certa forma de ver. (Oliveira s.p.)

No seu estudo sobre *Time in the Plastic Arts*, Etienne Souriau afirma:

Nothing is more dangerous for the exact and delicate understanding of the plastic arts (design, painting, sculpture, architecture, and minor arts) than the rather banal description, "arts of space," in contrast to the phonetic and cinematic arts (music, poetry, the dance, and to this group we must now add the cinema), characterized as "arts of time". (Souriau 294)

Esta noção apresenta-se como uma problemática no sentido em que a poesia está associada a momentos sucessivos, enquanto a pintura é caracterizada como sendo vista por inteiro num determinado instante. Souriau defende que ambas a poesia e a pintura apresentam um conceito de tempo semelhante. No caso da pintura,

no doubt a single glance which catches a view of the whole is possible, and it is even of great importance for aesthetic appreciation. But it is not sufficient. Can one appreciate the full beauty of a painting without a period

of contemplation wherein successive reactions take place? Baudelaire went so far as to say that the period of contemplation and the prolongation of its effects in the memory constitute a sufficient criterion of artistic value. (Souriau 294)

Este fator do tempo acaba por aproximar ainda mais estas duas formas de arte que, num primeiro instante, nos parecem tão díspares.

Segundo Da Vinci, citado por Roiphe (9), “a pintura é uma poesia muda e a poesia uma pintura cega”, e é por esse fator que a relação existente entre a literatura e as artes plásticas, neste caso a poesia e a pintura, é antiga e celebrada.

3. O estágio curricular no MNAC

3.1. Antes do Estágio

O processo de escolha foi relativamente fácil. Apesar de, no início, tencionar ir para outras instituições, os museus sempre foram lugares que me fascinam, por isso, quando o Professor Doutor Rogério Miguel Puga me apresentou o MNAC, a escolha foi imediata. Após todos os processos com a faculdade estarem oficializados, foi então marcada a primeira reunião, que tomou lugar no dia 19 de outubro de 2023, no MNAC, tendo sido nesta que me foi apresentado todo o trabalho que iria desenvolver. Inicialmente, ficou acordado que iria trabalhar com a Doutora Mónica Fonseca no departamento da Comunicação. Porém, posteriormente, surgiu um trabalho que estaria mais ligado com a minha área de estudos e que faria mais sentido para o estágio. Nessa mesma reunião, a Doutora Emília Ferreira procedeu a uma visita guiada às instalações do museu, na qual me apresentou algumas das exposições que lá se encontravam e me familiarizou com a história do espaço.



Fig. 1 Primeiro dia de estágio no MNAC, fotografia da autora.

Marcámos uma segunda reunião para dia 31 do mesmo mês, mas esta apenas entre mim, a Doutora Mónica Fonseca e o Doutor Tiago Beirão Veiga. Nesta reunião, foram oficializados os pormenores de início do estágio e passei a ser acompanhada pelo Doutor Tiago e não pela Doutora Mónica.

O estágio teve início no dia 1 de novembro de 2023 e terminou no dia 1 de maio de 2024, respeitando o número mínimo de 800 horas como indicado no regulamento da faculdade para os estágios curriculares de Trends in English and North-American Studies.

3.2. Introdução às tarefas desenvolvidas no estágio

A primeira tarefa que me foi atribuída foi uma pesquisa sobre a vida de Alberto de Lacerda, sejam as suas conquistas, pessoas com quem manteve contacto e os seus trabalhos, entre outros aspetos. No fundo, todo o trabalho que desenvolvi no MNAC esteve sempre associado a Lacerda. Além disso, as tarefas desenvolvidas foram realizadas autonomamente.

Num museu como o MNAC, num momento existe muito movimento, com a euforia de estar a executar uma nova exposição. Num outro acaba por estar mais parado, quando se encontra entre exposições e existe a necessidade de se fechar certas alas do museu para alterar os espaços, de modo a acomodar uma nova exposição. O que me fascina neste mundo é precisamente esta capacidade de mudança, de maneira a conseguir adaptar o espaço à visão necessária para realizar uma determinada exposição, que permita ao espectador tirar as suas próprias conclusões da mesma. É um lugar de reflexão e descoberta, tal como foi todo o trabalho desenvolvido.

3.2.1. Descrição das tarefas desenvolvidas

3.2.1.1. Espólios e o caso particular de Alberto de Lacerda

A primeira e mais importante tarefa que me foi entregue foi analisar o caso muito particular de Alberto de Lacerda. Ao elaborar um plano do que seria esta pesquisa com o Dr. Tiago Veiga, surgiram vários tópicos a explorar, alguns dos quais não chegaram a ser postos em prática. Numa primeira instância, elaborei uma pesquisa muito superficial

sobre Lacerda, que me forneceu ideias de temas a explorar, bem como as bases da pesquisa que viria a aprofundar.

O título escolhido para esta pequena pesquisa foi então *Espólios e o caso particular de Alberto de Lacerda* (anexo I), sendo maioritariamente baseada na obra de Luís Amorim de Sousa, um grande amigo de Lacerda, *Às Sete no Sa Tortuga*. Esta obra saiu em 2010 e é um ótimo retrato de Lacerda e da sua amizade com Amorim de Sousa. Fala da ligação que ambos construíram, das adversidades que foram encontrando e de toda uma vida complicada, mas certamente extraordinária.

Comecei por uma pequena biografia de Alberto de Lacerda, abordando os locais onde viveu, os amigos que fez e algumas das suas obras que foram influenciadas tanto pelas suas viagens como pelos seus amigos, ao longo de toda a sua vida. Para além de poeta e professor, foi um grande colecionador, não só de arte, mas de tudo o que fazia parte da sua vida, das suas coisas, coisas estas que o distinguiam dos demais.

Com a leitura de *Às Sete no Sa Tortuga*, foi-me possível familiarizar-me com a figura de Lacerda, tendo surgido um novo capítulo denominado “Quem foi Lacerda para quem o conhecia”, que contempla o testemunho de Amorim de Sousa em relação ao que presenciou nos anos em que privou com Alberto de Lacerda. É uma descrição muito detalhada de Lacerda em que nos é possível perceber a sua peculiaridade e os valores que lhe eram essenciais, e, apesar de nunca o ter conhecido, esta obra dá-nos a sensação do contrário. É nesta parte da pesquisa que encontramos a pessoa por detrás do poeta, os seus gostos e todos os seus grandes desgostos, o que o fazia mover, o seu sentido de humor e o grande amigo que era para os poucos que deixava fazerem parte do seu círculo.

Ao elaborar esta pesquisa, consegui compreender um outro lado da vida de um museu, o mundo dos espólios e tudo o que estes abrangem. Um espólio é a soma de todos os bens de uma pessoa após o seu falecimento, tendo Lacerda deixado o seu a Amorim de Sousa. O processo de catalogar e juntar todo o que lhe pertencia foi extremamente complicado devido à vastidão da coleção e ao facto de esta se encontrar em Londres. Atualmente, a sua maioria está guardada na Fundação Mário Soares. No entanto, ao longo dos anos, têm sido feitas muitas doações, pelo que a sua coleção já não se encontra totalmente armazenada num só local. No caso particular de Lacerda, a coleção contém grandes quantidades de livros, discos, revistas, obras de arte, documentos literários e inúmeras

fotografias. Muito do que foi adquirindo, foi oferecido por amigos que mantinha, tanto do mundo literário, como artístico.

Após a investigação de Alberto de Lacerda, passei a Luís Amorim de Sousa para entender o que os unia e o porquê de ser este o seu herdeiro universal. Além disso, procurei entender todos os esforços feitos por Amorim de Sousa na tentativa de manter intacta e imortal a vida e obras de Lacerda. O seu esforço compensou, dado que, atualmente, o legado de Lacerda está espalhado pelo mundo e continua a ser divulgado e exposto para que não seja esquecido, sendo este mesmo relatório a prova disso.

O legado de Lacerda é extenso e muito se deve a Amorim de Sousa, Não me foi possível analisá-lo muito detalhadamente, mas são de facto extraordinários todos os esforços feitos para manter viva a memória de Lacerda. Foi também através das suas amizades que se tornou imortal, e um bom exemplo disso é o retrato feito por Paula Rego, pintora luso-britânica, que se encontra na contracapa do livro *Às Sete no Sa Tortuga*.



Fig. 2 Retrato de Alberto de Lacerda por Paula Rego – contracapa do livro *Às Sete no Sa Tortuga*, de Luís Amorim de Sousa.

Penso ter cumprido todos os objetivos a que me propus. Foi também, um enorme prazer conhecer este poeta em tempos esquecido pelo seu próprio país. Ademais, com esta pesquisa, consegui entender o mundo dos espólios e o que é necessário para estes fazerem parte de um museu.

3.2.1.2. Alberto de Lacerda – Biografias

A segunda tarefa foi-me atribuída pela Dra. Emília Ferreira. Foi-me pedido para elaborar pequenas biografias referentes a artistas cujas obras fazem parte do espólio de Alberto de Lacerda - presentes no anexo II. São vinte e duas biografias de diversos artistas, entre eles alguns bastante conhecidos, como é o caso de David Hockney e Andy Warhol.

Primeiramente, elaborei uma pesquisa biográfica bastante detalhada e procurei dados em diversas fontes, tanto primárias como secundárias. Verifiquei a autenticidade das informações recolhidas através da comparação entre várias fontes, de maneira a assegurar que os dados eram precisos e confiáveis. Depois de colecionar as informações necessárias, passei ao processo de estruturação das biografias, que consiste em criar uma linha temporal coesa e que demonstre os momentos mais marcantes do artista em questão. É importante que a estrutura seja lógica para que o leitor consiga compreender os marcos da vida do artista sem qualquer dificuldade. O processo de seleção da informação é extremamente importante dado que o objetivo foi realizar biografias pequenas, mas que detivessem o essencial sobre cada artista. A redação criativa foi a próxima etapa e é nesta fase que se revela necessário um maior cuidado de modo a captar a essência do artista através da linguagem utilizada, sendo que, idealmente, esta deverá ser acessível, mas sem deixar de transmitir a complexidade da pessoa biografada. É importante manter a escrita baseada em factos e evitar especulações. Seguidamente, é importante fazer uma revisão textual, desde a ortografia à gramática, de modo a eliminar redundâncias ou possíveis erros, e ainda à formatação, ajustando as transições entre parágrafos e melhorando a clareza do texto.

Foi um processo bastante demorado pois, apesar de serem pequenas biografias, foi necessário pesquisar cada artista individualmente e fazer uma seleção do que seria interessante e importante relatar. Não esquecendo que por vezes não existia muita informação sobre determinados artistas, o que tornou o processo ainda mais complicado.

No final, os textos foram enviados à Dra. Emília para serem aprovados, sofrerem uma revisão e me ser dada uma opinião. Não foi a primeira vez que elaborei biografias, mas foi a primeira vez que o fiz tão detalhada e exaustivamente, o que provou ser mais uma grande aprendizagem.

3.2.1.3. Alberto de Lacerda – Poemas

Esta tarefa diz respeito a um projeto à margem dos que me tinham sido atribuídos para fazer. Foi em conversa com o Dr. Tiago que surgiu a ideia de elaborar esta pequena antologia (Anexo III). No fundo, tem como objetivo expor alguns dos poemas de Alberto de Lacerda, estes que descrevem a pessoa que foi na perfeição e mostram aquilo que lhe era mais importante. A escolha dos poemas e a organização da antologia foram feitas a gosto pessoal e de acordo com o que, na altura, achei ser o que melhor representava Lacerda.

A concretização do projeto foi um pouco trabalhosa e desenvolveu-se em várias etapas. A primeira foi definir o tema, o que neste caso significou elaborar um critério de seleção para orientar a escolha dos poemas. Definimos que o tema geral seria a representação de Alberto de Lacerda. No entanto, a questão foi descobrir como o representar, e daí surgiram quatro subtemas: Lugares, Pátria, Amigos e Sentimentos. Acredito que o conjunto de todos estes aspetos demonstram quem foi Lacerda. Os lugares por onde passou deixaram uma marca simbólica na sua vida, a sua pátria, apesar de distante, sempre foi fruto de inspiração e assombro, os seus amigos seriam provavelmente a sua âncora, aquilo que dava sentido à sua vida, e os sentimentos que tanto o dominavam são prova daquilo que foi e do que transmitiu às pessoas que o rodeavam.

Depois de seleccionar os quatro temas, comecei à procura dos poemas que se alinhavam com o objetivo estabelecido. Esta consulta passou pela pesquisa em livros e, maioritariamente, no site dedicado à vida de Alberto de Lacerda, onde se encontram inúmeros dos seus trabalhos. A seleção foi feita a gosto pessoal, porém, estive sempre à procura de escolher poemas que não só representassem cada subtema. Posteriormente, revi cada poema para garantir que estava tudo de acordo com o original e assim garantir a precisão textual. O passo seguinte foi estruturar a antologia, sendo esta uma tarefa inerentemente criativa e estratégica, e que é subjetiva a quem elabora a antologia. Neste caso, foi dividido consoante os subtemas, cada um apresentando entre três e quatro

poemas. O principal objetivo foi criar uma estrutura que conseguisse manter o interesse do leitor ao criar variações de tom e ritmo ao longo de toda a leitura. Além de tudo isto, aquando da criação de uma antologia, é também necessário escrever uma breve introdução e alguns comentários que contextualizem as obras. A introdução serve para dar uma visão geral do tema e explicar a escolha dos poemas. Os breves comentários redigidos no início de cada subtema demonstram o porquê da escolha dos mesmos e acabam por fornecer mais informações sobre o autor, bem como algum contexto histórico. Terminada a seleção do tema e dos poemas e a criação da estrutura, é necessário editar. Esta edição passa por uma revisão ortográfica e gramatical de toda a antologia e pela verificação da formatação dos poemas de modo a manter a integridade das obras originais, sendo também necessário ter atenção ao design e formatação.

Foi igualmente um projeto que me trouxe muitas aprendizagens e veio fomentar o meu gosto pela poesia de Alberto de Lacerda e todo o seu trabalho. Não foi de todo um processo fácil, sendo que a escolha teve de ser muito contida, algo que me é difícil. Aprender a selecionar a informação e a não usar tudo aquilo que leio e encontro tem sido um objetivo pessoal, e, por isso, este pequeno projeto veio uma vez mais testar estas capacidades e por à prova aquilo que tenho tentado melhorar. Foi sem dúvida desafiante, o que lhe conferiu um maior interesse da minha parte e o tornou um dos projetos que mais gostei de elaborar até aos dias de hoje.



Fig. 3 *The Tiger That Walks in My Gestures* – Publicado no Times Literary Supplement. Imagem usada na capa da antologia, Anexo III.

Mesmo que, ao longo do meu percurso académico, me tenha deparado inúmeras vezes com antologias de vários tipos e autores, esta foi a primeira que elaborei uma antologia. A concretização deste projeto é a prova da ligação entre o que aprendemos ao longo da nossa formação académica e a importância que essas aprendizagens têm para o nosso futuro.

3.2.1.4. Alberto de Lacerda – Guião entrevista

Este projeto foi elaborado, mas não foi utilizado. No início do estágio, foi mencionada a possibilidade de efetuar algumas entrevistas a pessoas que tivessem feito parte do círculo de Alberto de Lacerda. Porém, ao efetuar a pesquisa sobre a sua vida, rapidamente percebi que muitos dos que faziam parte do seu círculo já teriam falecido. Surgiu então a ideia de entrevistar Luís Amorim de Sousa, um dos poucos que ainda se encontra entre nós. Contudo, nessa mesma altura, deparei-me com a sua obra, anteriormente mencionada, que se mostrou extremamente detalhada e cheia de informações relevantes para a minha pesquisa. Sendo que a obra *Às Sete no Sa Tortuga* respondia a todas as questões que tinha em relação a Lacerda, falei com o Dr. Tiago e achámos por bem colocar a entrevista de lado e focar o projeto nesse livro.

Apesar disso, o guião foi elaborado e, mesmo que não o tenha sido na perfeição, as linhas gerais do que é necessário para proceder a uma entrevista estão bem presentes.

O processo da sua elaboração passou por primeiro perceber o objetivo da entrevista. Este seria obter informação sobre Lacerda que seria utilizada para enriquecer a pesquisa a ser elaborada. Primeiramente, seria necessário fazer uma pesquisa prévia sobre Luís Amorim de Sousa, este que seria o entrevistado, de maneira a conseguir formular perguntas informadas e não fazer perguntas que já se encontrassem no domínio público. Ademais, seria necessário conhecer bem Lacerda, sendo ele o tema da entrevista.

A estrutura do guião teria de passar por uma introdução onde fosse feita uma abertura para a entrevista e onde fosse explicado o tema da mesma. De seguida, no corpo da entrevista, seriam feitas algumas perguntas gerais, outras mais específicas, as perguntas de seguimento, sendo estas as que podem surgir naturalmente na conversa e que ajudam a aprofundar o tema ou a explorar aspetos inesperados do mesmo, e algumas perguntas

sensíveis, que devem ser feitas de forma respeitosa. Por fim, uma conclusão onde se fazem as perguntas finais e se procede ao encerramento da entrevista.

Há que ter atenção à redação das perguntas, sendo que estas devem ser concisas e claras, além de necessitarem de uma certa profundidade, não podendo ser respondidas com um simples “sim” ou “não”. É importante criar um espaço em que haja uma conversa entre as duas partes e momentos em que possa ser o entrevistado a guiar a conversa. A maneira mais simples de alguém se preparar para uma entrevista é rever o guião e estar preparado para a eventualidade de ter de o adaptar consoante a direção que a conversa tomar. Após a entrevista, seria feita a revisão do material adquirido e um agradecimento ao entrevistado.

Tudo o que foi listado previamente acabou por ser uma situação hipotética devido ao facto de, como referido, a entrevista nunca se ter chegado a realizar. Apesar disso, o pequeno guião elaborado passou pelo processo inicial de pesquisa e estruturação, não tendo sido concretizada apenas a parte da preparação para a entrevista e o pós-entrevista. Não foi um projeto com grande precisão, pois rapidamente percebi que não seria necessário ir por este caminho. No entanto, foi mais um momento de estágio que me forneceu novos conhecimentos e aprendizagens, dado que ao longo da minha formação, nunca me tinha deparado com o trabalho necessário para a elaboração de uma boa entrevista.

3.3. Reflexão final

O estágio demonstrou-se uma constante aprendizagem. Ao realizar as tarefas apresentadas, coloquei em prática muito do que me foi ensinado ao longo do meu percurso universitário, desde a análise textual, à elaboração de ensaios e até mesmo à pesquisa exaustiva sobre um determinado tópico. A uma primeira vista, parece-nos, a nós estudantes, que grande parte da informação que nos passam ao longo desses anos formativos não será muito útil para o mundo lá fora. Porém, não podíamos estar mais enganados. O pensamento crítico que nos incutem através da análise dos mais variados textos e de tantos outros métodos é extremamente necessário no mundo do trabalho. A elaboração de ensaios capacita-nos para as mais variadas tarefas, e a pesquisa exaustiva que nos pedem muitas vezes para fazer aumenta a nossa capacidade de procura de informação e de seleção do essencial.

No entanto, utilizar estes ensinamentos no mundo do trabalho é um pouco diferente. Com o estágio, apercebi-me de algumas disparidades. Na faculdade, aprendemos predominantemente a teoria, através de palestras e análise de livros, já no estágio, é a prática que é posta à prova, sendo necessário aplicar conhecimentos teóricos em situações reais. Na faculdade, grande parte das vezes, os trabalhos a elaborar são bastante claros e sabemos o que é esperado da nossa parte, já no estágio, é tudo muito mais ambíguo e nem sempre soube o que era esperado de mim nem como era suposto elaborar uma determinada tarefa, tendo, por isso, de aprender a adaptar-me muito rapidamente e a resolver tudo sozinha. Na faculdade, existe o trabalho de grupo, mas estamos habituados a um mundo muito competitivo em que é cada um por si, já no estágio, a entreatajuda e o trabalho em equipa estão muito presentes, e pude assistir a isso através de todas as pessoas que trabalharam em conjunto para me tentar inserir neste novo espaço. Na faculdade, temos *feedback* mais regular, o que ajuda a melhorar o trabalho desenvolvido, já no estágio, deparei-me com um ambiente totalmente diferente, não tendo recebido, até hoje, qualquer tipo de *feedback* em relação ao trabalho que desenvolvi. Na faculdade, as consequências de falhas no nosso trabalho resumem-se a notas baixas ou à necessidade de refazer um determinado trabalho e o impacto é individual, já no estágio, as falhas podem ter graves consequências, o que se apresenta como uma maior responsabilidade, não só pessoal, mas também coletiva.

Existem muitas outras diferenças, mas, de todas, estas parecem-me as mais cruciais e aquelas com as quais me deparei ao longo das 800 horas de estágio que realizei. Ademais, estas diferenças destacam o quanto é necessário adaptarmo-nos quando fazemos esta transição do mundo académico para o profissional, bem como expõem as dificuldades que lhe estão associadas. Estar inserida neste mundo que me é tão familiar e ao mesmo tempo tão estranho foi uma das experiências que me trouxe mais aprendizagens ao longo da minha vida, não só a nível profissional, mas muito também a nível pessoal.

Conclusão

Toda a formação académica que me foi proporcionada, bem com a experiência que obtive com a componente não letiva aqui apresentada, mostram-se como importantes elementos na minha preparação para a inserção no mundo profissional. Individualmente, estas componentes não seriam o suficiente para me tornar uma boa profissional. Porém, acredito que o seu conjunto seja a formação necessária para me tornar uma excelente profissional em qualquer dos trabalhos que encontre futuramente.

A teoria adquirida durante a componente letiva do mestrado ensinou-me a desenvolver métodos de investigação, interpretação, seleção e recolha de informação bibliográfica e de comunicação. Além disso, os trabalhos práticos, e métodos de avaliação dos diferentes seminários, serviram também de preparação para o mundo profissional, sendo que tudo o que engloba este tipo de avaliações está também presente nesse mundo. São estes elementos: o trabalho de investigação, a pressão para terminar um determinado projeto até uma certa data, o objetivo de fazer o melhor possível de maneira a não nos desiludirmos a nós mesmos nem aos que nos rodeiam, as expectativas que nos assoberbam, e que muitas vezes nos levam a sentir alguma pressão psicológica, e a capacidade de conciliar múltiplas tarefas. O estágio fez-me perceber que a teoria em si nunca seria suficiente para me preparar para o mundo profissional. Apesar de a formação académica fornecer bases e de ambas as esferas apresentarem algumas semelhanças, são totalmente diferentes. Por essa mesma razão, graças à realização deste estágio, sinto-me muito mais capaz de enfrentar o mundo do trabalho.

Devo admitir que não foi de todo o estágio que idealizei. Porém, sinto que, por essa mesma razão, se provou ainda mais como uma verdadeira experiência do mundo profissional e uma ainda maior aprendizagem. As coisas nem sempre são aquilo que esperamos e temos de estar preparados para enfrentar qualquer tipo de desafio que nos seja colocado à frente. Houve momentos de desespero e muitos mais em que me senti perdida, mas todos compensaram porque foi a partir desta experiência que me apercebi do que realmente quero para o meu futuro.

Talvez a minha experiência se tenha baseado no facto de o MNAC não ser lugar para mim e não se adequar à pessoa que sou e ao que procuro, ou então o estágio só não correu como era suposto. Apesar disso, e de acreditar não me terem dado uma boa experiência em termos de trabalho, sempre foram todos muito simpáticos e acolhedores,

desde o rececionista/segurança à diretora do museu e, apesar de me sentir um pouco distante do mesmo, acredito que exista um ótimo ambiente de interajuda e cooperação entre os que lá se encontram a trabalhar.

Tirando isso é um espaço absolutamente fantástico, com uma arquitetura deslumbrante e exposições brilhantes, como uma bastante recente de Tony Cragg na qual quatro das suas obras se encontraram espalhadas por Lisboa, nomeadamente na Praça do Município, na Praça do Comércio e na Estação Sul Sueste. Tive o prazer de explorar algumas exposições livremente e foram momentos que ficarão para sempre guardados na minha memória, não só como uma ótima experiência a nível profissional, mas também a nível pessoal.

Em suma, não poderia ter feito uma melhor escolha. O estágio é, a meu ver, a melhor preparação que poderia ter tido para o mundo profissional. Abriu-me portas para conhecer um mundo que sempre adorei, o dos museus, deu-me a oportunidade de colocar em prática tudo o que aprendi ao longo do meu percurso académico e providenciou-me de uma experiência que irá para sempre marcar o percurso da minha vida. Apesar de tudo o que referi previamente, fico muito grata pela oportunidade que me foi dada pelo MNAC e pela ajuda que me foi dada por parte de todos os meus professores, em especial o Professor Doutor Rogério Miguel Puga e a Professora Doutora Iolanda Ramos, que estiveram disponíveis e prontos a ajudar sempre que necessário. Serei para sempre grata por esta experiência e por tudo o que estive associado à mesma.

Obras Citadas

Alexander, Edward Porter, e Mary Alexander. *Museums in Motion - an Introduction to the History and Functions of Museums*. Plymouth: Altamira Press, 2007. Impresso.

Amorim de Sousa, Luís. *Às Sete no Sa Tortuga*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010. Impresso.

Ribeiro, Anna Christina. "Intending to Repeat: A Definition of Poetry." *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, vol. 65, n.º 2, 2007, pp. 189–201.

Andermann, Jens, e Silke Arnold-de Simine. "Introduction: Museums and the Educational Turn: History, Memory, Inclusivity," *Journal of Educational Media, Memory & Society*, vol. 4, n.º 2, 2012, pp. 1–7.

Carbonell, Bettina Messias. *Museum Studies: An Anthology of Contexts*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. Impresso.

Hausman, Jerome J. "Graphic and Plastic Arts." *Review of Educational Research*, vol. 28, n.º 2, 1958, pp. 169–79.

Heffernan, James A. W. "Space And Time In Literature And The Visual Arts." *Soundings: An Interdisciplinary Journal*, vol. 70, n.º 1/2, 1987, pp. 95–119.

Honour, Hugh, e John Fleming. *The Visual Arts: A History*. Londres: Laurence King Publishing, 2023. Impresso.

Kent, Charles W. "What Is Literature? An Attempt at a Definition." *The Sewanee Review*, vol. 3, n.º 3, 1895, pp. 307–13.

Landwehr, Margarete. "Introduction: Literature and the Visual Arts; Questions of Influence and Intertextuality." *College Literature*, vol. 29, n.º 3, 2002, pp. 1–16.

Lord, Carnes. "Aristotle's History of Poetry." *Transactions of the American Philological Association (1974-2014)*, vol. 104, 1974, pp. 195–229.

Macdonald, Sharon. *A Companion to Museum Studies*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011. Impresso.

Matteson, Miriam L., et al. "'Soft Skills': A Phrase in Search of Meaning." *Libraries and the Academy*, vol. 16, n.º 1, 2016, pp. 71-88.

Miller, J. Hillis. *On Literature*. Londres: Routledge, 2002. Impresso.

Soares de Oliveira, Valdevino. *Poesia e pintura: Um diálogo em três dimensões*. São Paulo: Editora UNESP, 2019. Impresso.

Palhares, Carlos Vinícius Teixeira. “*A mimese na poética de Aristóteles*” Belo Horizonte, n.º 22, 2013, pp.15-19.

Roiphe, Alberto. “*Literatura e Artes Plásticas: Uma Revisão Bibliográfica do Diálogo.*” Lumen Et Virtus, vol. 1, n.º 1, jan. 2010, pp. 8–20.

Simpson, Peter. “*Aristotle on Poetry and Imitation.*” Hermes, vol. 116, n.º 3, 1988, pp. 279–91.

Souriau, Etienne. “*Time in the Plastic Arts.*” The Journal of Aesthetics and Art Criticism, vol. 7, n.º 4, 1949, pp. 294–307.

Will, Frederic. “*Literature and the Other Arts.*” The Antioch Review, vol. 41, n.º 3, 1983, pp. 339–55.

Webgrafia

“*Homme Page.*” MNAC: Museu Nacional de Arte Contemporânea Do Chiado. Web. 23 set 2024 <www.museuartecontemporanea.gov.pt/>

Anexos

Anexo I – Biografia de Alberto de Lacerda realizada no âmbito do estágio

MNAC

Espólios e o caso particular de Alberto de Lacerda



Fig. 1: Alberto de Lacerda

Viviana Filipa Marques Garcia

Conteúdo

Introdução	37
Quem foi Alberto de Lacerda?	37
Quem foi Lacerda para quem o conhecia?.....	38
O que é um espólio? Como funciona o processo de guardar, colecionar, conservar e transmitir ou doar um determinado espólio?	41
Caso particular de Alberto de Lacerda	42
Que papel teve Luís Amorim de Sousa, também poeta, na partilha do legado de Lacerda?	43
Legado de Lacerda	44

“Apesar de tudo há um caso de amor/ Entre mim e a vida”

(*Palácio*, 1958)

Introdução

É incontestável que Alberto de Lacerda foi um dos grandes poetas de todos os tempos, não só para Portugal, mas para o mundo. As suas contribuições no mundo da literatura, particularmente na poesia, tornaram-no imortal.

Esta pesquisa tem como objetivos dar a conhecer a vida do mesmo, analisar o seu espólio e ao mesmo tempo perceber como o mesmo funciona. Assim, será dividida em oito partes. Inicialmente teremos uma breve biografia de Alberto de Lacerda e uma análise de quem era Lacerda para os seus amigos. Continuamente, nas três partes que se seguem, estará analisado o mundo dos espólios. Seguidamente, exhibe-se o caso particular de Lacerda e o papel que o seu amigo Luís Amorim de Sousa teve na partilha do seu legado. Por fim, estarão descritas algumas instâncias importantes do seu legado.

Quem foi Alberto de Lacerda?

Carlos Alberto Portugal Correia de Lacerda nasceu a 20 de setembro de 1928, em Lourenço Marques (atual Maputo) e faleceu a 26 de agosto de 2007, em Londres, aos 78 anos. Foi poeta, jornalista, professor e, para além disso, um ávido colecionador de quadros, desenhos, fotografias, livros, discos, entre outros. Com 18 anos mudou-se para Portugal, mas apenas passados cinco anos partiu para Londres, dividindo a sua residência entre Inglaterra e os Estados Unidos, e fazendo algumas visitas a outros países ao longo dos anos, nomeadamente o Brasil. Em Londres trabalhou na BBC como freelancer e foi também nesta cidade que escreveu grande parte da sua obra, nesta destacam-se *Oferenda I* (1984), *Palácio* (1961), *Exílio* (1963), *Elegias de Londres* (1987), *Oferenda II* (1994). Durante muitos anos foi professor nas universidades de Austin e Boston, nos EUA, de onde se reformou em 1996. Após esses anos nos EUA, regressou definitivamente a Londres onde viveu até ao fim dos seus dias.

Teve amigos dos mais variados ramos que se mostraram uma enorme influência na sua vida e, por isso também, nas suas obras. Entre eles Vieira da Silva, Paula Rego, Sophia de Mello Breyner Andresen, Arpad Szenes, Mário Cesariny, David Hockney, Ruy Cinatti, Raul de Carvalho, Luís Amorim de Sousa, António Ramos Rosa, Luís Amaro e Edith Sitwell. O seu vasto espólio ficou ao encargo do seu amigo Luís Amorim de Sousa, que até hoje, tem como objetivo dar a conhecer ao mundo a vida e obras de Alberto de Lacerda.

Quem foi Lacerda para quem o conhecia?

Alberto era, à partida, um homem muito misterioso, que instigava curiosidade aos que o pretendiam conhecer. Os que tiveram esse privilégio, tinham-no, ou ainda o têm, como um homem extraordinário. Era conhecido por ser sempre o primeiro a chegar a um encontro e amava a cor, mas certamente não conseguia suportar a garridice, como destaca Amorim de Sousa no livro, *Às Sete no Sa Tortuga*. À primeira vista, Amorim de Sousa ficou impressionado com a intensidade que Alberto tinha no seu olhar. A sua voz detinha uma “extraordinária clareza e colocação perfeita” (Amorim de Sousa, p.18). Lacerda era, no seu todo, um homem de muita compostura.

Era um homem muito interessado e cheio de conhecimentos, e tinha um sentido de humor que lhe era muito pessoal. Era bastante evidente para aqueles que o conheciam que “mantinha critérios exigentíssimos” (Amorim de Sousa, p.21) e que “nada escapava ao seu olhar minucioso” (Amorim de Sousa, p.26). Tinha pleno desgosto por crianças em museus, mas se algo o deixava comovido era uma criança a olhar atentamente para um quadro e num pequeno instante deleitava-se com “«aquele olhar de puro encantamento»” (Amorim de Sousa, p.26).

O seu museu preferido em Londres era a National Gallery., que para ele era “«Um museu inesgotável»”. Luís Amorim de Sousa relembra que Alberto era “perito em descobrir pormenores” (Amorim de Sousa, p.27) e que as observações que ia fazendo continham muito humor e eram deveras penetrantes. Lacerda era conhecido por usar palavras como prodígio, assombro e espanto, mas também maravilha, esta que Amorim de Sousa diz sempre ter tido a sensação de que “Alberto era o inventor da palavra maravilha. O inventor da palavra e o usufruidor perfeito do estado interior que ela induz.” (Amorim de Sousa, p.28). Não esquecendo a palavra conversete, palavra de Lacerda que

representava as conversas com Amorim de Sousa. Alberto era muito apreciador das suas deambulações, vagarear por Londres com o mesmo era uma aventura, qualquer imprevisto podia fazê-lo mudar de direção ou, até mesmo, levá-lo a procurar novos destinos nesta sua amada cidade. Para além disso era muito minucioso e nada era deixado ao acaso. Era amante de postais e por vezes até os comprava repetidos, para ficar com exemplares para si próprio e para partilhar com amigos as imagens que tanto o fascinavam. Porém, ao partilhá-las com os seus amigos, Alberto era muito cuidadoso, escolhia-as tendo em conta as suas amizades. No entanto, não era de todo cuidadoso com o trânsito e, apesar de coxear, atravessava as ruas onde mais lhe convinha, sem se preocupar com tudo o que estava à sua volta. Na verdade, o mais cómico da situação é que era impaciente com quem fosse diferente “impacientava-se comigo por eu só querer passar nas passadeiras” (Amorim de Sousa, p.31).

Para Alberto estar com um amigo era dedicar todo o seu tempo e atenção a esse mesmo amigo, nada mais lhe interessava no momento e este aspeto da sua pessoa era uma das suas maiores qualidades, o amor, o cuidado e a preocupação que tinha pelos seus amigos. Uma outra característica sua era a de aproximar os seus amigos, era como uma espécie de ponte entre eles e por esta mesma razão criou um círculo de amigos inestimável.

Vivia amargurado pelo facto dos seus trabalhos nunca terem chegado a Portugal e pelo facto de que em Londres, principalmente a BBC, não queriam ter nada a ver com ele, mas a maior amargura era dos que vivam à sua volta e presenciavam a injustiça em que Lacerda vivia “o poeta Alberto de Lacerda continuava a viver de insuficientes biscates e a residir em quartos de aluguer” (Amorim de Sousa, p.51). A realidade era que Alberto preferia viver com a sua liberdade, mesmo que esta lhe trouxesse penúria “«As pessoas têm a mania das manias. Eu só tenho uma mania que é a mania da liberdade.»” (Amorim de Sousa, p.40). Apesar disso, dedicou a sua vida a ajudar e a promover o trabalho artístico dos seus amigos, mas dedicou-se ainda mais a construir uma coleção à qual se referia como “«as minhas coisa»” (Amorim de Sousa, p.53). Esta continha obras compradas pelo mesmo e muitas outras oferecidas por amigos e, apesar da sua situação financeira, não conseguia resistir a comprar mais peças para a sua coleção “Por elas fez inenarráveis sacrifícios” (Amorim de Sousa, p.54). Numa outra ocasião, Lacerda não se conteve a comprar algo que tinha chamado a sua atenção e Amorim de Sousa relata o incidente de uma maneira muito cómica “Quanto é? Era o limite exato do meu cartão!...

Olhe, fiquei sem crédito mas com um autografo de Mallarmé!» E ao contar este episódio o Alberto tinha na voz um ar de traquinice” (Amorim de Sousa, p.76).

Tinha algumas peculiaridades, como por exemplo colecionar receitas, estas que chegaram a perto de um milhar na sua coleção. Para além disso, não gostava de passear ao ar livre e abominava a jardinagem e a poda, a vida campestre não era de todo a sua *cup of tea*, como dizem os ingleses. O fascinante era a dicotomia de não gostar de nada que tivesse a ver com isto, mas comprava imensas obras de arte que representavam paisagens, jardins, flores e naturezas mortas. Um outro elemento da natureza que Alberto abominava era o frio e tudo o que tivesse a ver com ele. O inverno em Boston foi das piores fazes da sua vida, escorregou e caiu por duas vezes e de ambas fraturou ossos e teve de sofrer operações.

Não era dado aos avanços tecnológicos e a televisão era para ele o “pior dos seus inimigos diários” (Amorim de Sousa, p.69). Abominava a ideia de que se deixasse de ler, pintar, desenhar e até mesmo de falar. Recusou-se a aprender a datilografar porque afirma que “se conseguisse toda aquela agilidade de dedos que era precisa, seria muito melhor que a aproveitasse para aprender antes a tocar piano!” (Amorim de Sousa, p.69). As únicas tecnologias que considerava um exceção à regra eram o telefone fixo e o gira-discos, não esquecendo o carinho que Lacerda tinha pelas fotocopiadoras.

Algo que o distinguia dos demais era o seu amor por correspondência, gostava muito de dialogar por escrito e andava sempre acompanhado de cartas que recebia. Lia e relia as que mais lhe causavam algum tipo de emoção, tanto as que achava divertidas, como as que o emocionavam. Era muito peculiar na maneira como via as cartas, tinham de corresponder às suas exigências e se não o fizessem, Alberto deixava-o bem claro. Já dizia o seu amigo Amorim de Sousa “Não era fácil trocar correspondência com o Alberto, mas uma vez encontrados o tipo de papel, o tom e o ritmo exigidos pelos seus altos padrões, fazê-lo era um privilégio.” (Amorim de Sousa, p.81).

Era visto por toda a gente como sendo uma pessoa difícil e, talvez por isso, no que toca à sua vida amorosa nunca teve muita sorte. Amorim de Sousa diz “Foi certamente devido à enorme complexidade do seu mundo interior que o Alberto viveu só. Irremediavelmente só.” (Amorim de Sousa, p.89). Dizia ter o direito de ser exigente com os seus amigos, pois também o era para si próprio e esta sua faceta era também muito característica da pessoa que era. Odiava burocracias, como a maioria das pessoas, sendo

que “A vida do Alberto era a poesia. Eram «as coisas do espírito». Aí estavam os seus objectivos.” (Amorim de Sousa, p.109). Com o seu regresso a uma Londres tão diferente da que tinha deixado, Alberto viu-se com círculos de amigos desfeitos, muitos já tinham também morrido ou tinham ido em busca de novas aventuras e uns menos disponíveis. Tudo isto trouxe um sentimento de abandono, “Houve mortes que o deixaram para sempre inconsolável. «Sou um cemitério ambulante», e queixava-se mais de solidão.” (Amorim de Sousa, p.130). A sua adorada Londres estava em transformação e as mudanças não o agradavam, mas “O que ele não perdoava era o desaparecimento de sítios que tinham a ver com o seu passado.” (Amorim de Sousa, p.138).

Nos seus últimos tempos foi presenteado com um poema do seu amigo, “mais do que amigo/ irmão” (Amorim de Sousa, p.156) Amorim de Sousa, leu-o de imediato e quando chegou ao fim, emocionado, disse “«Eu não mereço isto!»” (Amorim de Sousa, p.141), mas merecia. Merecia o tal poema, intitulado *Bellini e Pablo Também*, nome que remete a uma graça que tinham os dois, e muito mais. Alberto de Lacerda é um marco da sua geração e tudo o que foi deixado pelo mesmo continuará a ser celebrado por muitas gerações. Tal como refere Luís Amorim de Sousa na dedicatória do livro *Às Sete no Sa Tortuga*, “À memória inesquecível do Alberto” (Amorim de Sousa, s.p.).

O que é um espólio? Como funciona o processo de guardar, colecionar, conservar e transmitir ou doar um determinado espólio?

Um espólio, sucintamente, refere-se a todos os bens, direitos e obrigações que são deixados por uma pessoa após o seu falecimento. Estes incluem todos os ativos e passivos que permanecem com o falecido, como por exemplo investimentos, contas bancárias, obras de arte, imóveis, entre outros. Após a morte de uma determinada pessoa, começa então o processo de administrar os bens deixados pela mesma, a este procedimento dá-se o nome de inventário. Este serve para reunir e avaliar todos os bens e assim proceder à sua partilha. Ao longo do processo de inventário será encontrada a forma como os bens serão divididos.

No caso de Alberto de Lacerda, o seu espólio foi deixado a Luís Amorim de Sousa pela sua própria vontade, ou seja expresso em testamento. Luís Amorim de Sousa passa

então a ter total controlo dos bens deixados por Lacerda e, passou assim, a ser o seu herdeiro universal. Devido à vasta quantidade de bens deixados por Lacerda, Amorim de Sousa viu-se na necessidade de assinar um protocolo com a Fundação Mário Soares para que esta coleção de bens fosse arquivada pela Fundação, estes chegaram a Portugal em junho de 2008. Ao longo dos anos, partes desta vasta coleção têm sido doadas a outras instituições que serão nomeadas posteriormente.

Caso particular de Alberto de Lacerda

Durante toda a sua vida Lacerda foi adquirindo uma coleção pessoal muito variada, nela encontramos quantidades avultadas de livros, revistas, discos, documentos literários, obras de arte e também inúmeras fotografias. Algumas destas que podemos encontrar no seu site intitulado de Alberto de Lacerda. Esta coleção deu-se muito pelo facto de Lacerda ter um enorme gosto pelas artes visuais, o que lhe proporcionou conhecer e tornar-se amigo de muitos artistas.

A coleção era composta por discos, livros, quadros, desenhos por emoldurar, papéis soltos, cartazes, cartas, gravuras, fotografias também. E à medida que me ia sendo mostrada, o que mais me impressionava era a ligação intensa que se via entre o Alberto e cada uma das peças. Em cada uma havia um história, uma amizade, uma descoberta, um risco, uma aventura, mas para cada uma havia um intenso estado de alma que transparecia nas palavras, no olhar, no simples manusear de cada um desses objetos amados. (Amorim de Sousa, p.61)

Para além disso, os seus conhecimentos do mundo literário trouxeram-lhe também grandes amizades e, conseqüentemente, muitos exemplares de textos, que atualmente têm um valor inestimável. Toda a sua teia de amigos, as suas viagens e as convivências e experiências que teve ao longo da sua vida tornam Alberto de Lacerda uma pessoa excepcional. Tudo isto torna imprescindível o conhecimento nacional e internacional do espólio de Lacerda.

Que papel teve Luís Amorim de Sousa, também poeta, na partilha do legado de Lacerda?



Fig.2: Alberto de Lacerda e Luís Amorim de Sousa

Luís Amorim de Sousa nasceu em Angola em 1937. Passou a sua vida entre Lisboa, Lourenço Marques, Brasil, EUA e Londres, nesta última cidade trabalhou na secção portuguesa da BBC. Das suas obras destacam-se *Signo da Balança* (1968), *Norte a sul* (1981), *Oceanografia* (1984), *O Pico da Micaia* (1997) e *Às Sete no Sa Tortuga* (2010), esta última obra apresenta um retrato de Alberto de Lacerda e foi publicada uns anos após a sua morte. Atualmente reside em Lisboa, Cascais.

Amorim de Sousa é o herdeiro universal de Alberto de Lacerda, ou seja, recebeu a totalidade dos bens do mesmo. O espólio encontra-se espalhado por algumas entidades, como por exemplo na fundação Mário Soares, no Museu Nacional de Arte Antiga, no Museu Nacional do Teatro e da Dança e na Biblioteca Nacional Portuguesa, nesta última encontram-se manuscritos, correspondência, documentos biográficos e recortes de imprensa, estes que foram doados ao longo de vários anos. Através de muito trabalho e muitos esforços, este conseguiu que o legado do seu amigo fosse valorizado, não só por Portugal, mas pelo mundo. Atualmente, Luís Amorim de Sousa continua a divulgar, partilhar e expor o legado de Alberto de Lacerda, para que este não seja esquecido e seja apreciado por todos.

Legado de Lacerda

O esforço de Luís Amorim de Sousa na partilha do legado de Lacerda não foi em vão. Ao longo dos anos, inúmeras publicações, homenagens, exposições e outro tipo de eventos têm mantido a memória de Alberto de Lacerda viva. Entre 2008 e a atualidade, o número de eventos realizados quer em Portugal, quer em vários outros países demonstra, pela sua enorme quantidade, o valor que o legado de Lacerda tem, não só para o universo das artes e literatura, mas para toda a humanidade.

Entre muitos eventos, destaca-se em junho de 2008 a chegada do espólio de Alberto de Lacerda à Fundação Mário Soares, em Lisboa. A partir deste momento o espólio estava finalmente seguro e disponível para partilhar com o mundo. Em 2010, foi publicado o *memoir* de Alberto de Lacerda por Luís Amorim de Sousa, intitulado *Às Sete no Sa Tortuga*.



Fig.3: *Às Sete no Sa Tortuga – Um Retrato de Alberto de Lacerda*

O livro relata a amizade entre Luís Amorim de Sousa e Alberto de Lacerda, desde os seus primórdios até à atualidade, pois apesar de a amizade física ter tido fim com a morte de Lacerda, este livro é a prova de que essa amizade será eterna, imortalizada nesta história de dois, mais do que amigos, irmãos. Curiosamente, o título remete-se ao primeiro encontro entre os dois,

«E sabe onde fica um café que se chama Sa Tortuga?» « Não sei, mas darei com ele.» Resposta errada. O Alberto funcionava com coordenadas exatas. Seguiram-se explicações meticulosas. Fez outra pausa, mais breve, e perguntou se o dia X estava bem. «Estarei lá em baixo, às sete, numa mesa mesmo ao fundo, quase encostada às escadas. Às sete no Sa Tortuga. Não se atrase.» (Amorim de Sousa, p.17)

Em 2013, uma parte do espólio de Lacerda foi doado à Biblioteca Nacional de Portugal. Esta doação consistia em 21,000 livros, 12,000 documentos e 300 posters. Também na Biblioteca Nacional de Portugal, mas em 2017, comemorou-se o aniversário de 10 anos, após a morte de Alberto de Lacerda com a exposição intitulada “Oh, Vida, sê bela!”. Esta decorreu desde o dia 12 de outubro até 13 de Janeiro de 2018 e cobria toda a vida de Lacerda, desde a sua infância em Moçambique até ao fim da sua vida em Londres, não deixando de fora as suas passagens pelos EUA e Brasil.

Já em junho de 2018, uma antologia com os poemas de Lacerda (*Labareda*), foi publicada pela Tinta da China, em Lisboa, com uma introdução de Luís Amorim de Sousa. Mais recentemente, em junho de 2023, foi feita uma doação da coleção de arte de Lacerda ao Museu Nacional de Arte Antiga. Esta consistia em 65 desenhos e 37 “prints”. Devido a esta doação, está a ser organizada uma exposição para 2024.

O legado de Alberto de Lacerda possui uma elevada importância, não só a nível nacional, como também internacional e por isso irá, sem qualquer sombra de dúvida, continuar a ser exposto e celebrado em todo o mundo.



Fig.4: Retrato de Alberto de Lacerda por Paula Rego – contracapa do livro *Às Sete no Sa Tortuga*.

Anexo II: Alberto de Lacerda – Biografias de artistas que se encontram no seu espólio

David Hockney (UK, 1937)

Estudou no Bradford College of Art (1953–57) e no Royal College of Art, em Londres (1959–62), onde recebeu uma medalha de ouro no concurso de pós-graduação. Hockney destaca-se nos ramos da pintura, do desenho, da fotografia e da cenografia. Nos anos sessenta, foi um dos maiores contribuidores para o movimento artístico pop art. Na década de setenta, grande parte dos seus trabalhos eram autobiográficos, incluindo retratos de alguns amigos, e autorretratos. Já nos anos oitenta, começou a dedicar-se apenas à criação de narrativas fotográficas, onde criou o conceito fotográfico *Joiner*. Este é uma espécie de retrato fotográfico múltiplo e complexo de um espaço, pessoa, ou objeto, e é através deste novo conceito que o espectador consegue ter acesso a diferentes pontos de vista de um determinado espaço, o que o torna mais fácil de observar. Mais tarde, consagrou-se nas artes cenográficas (ópera e balé) na Royal Opera House, Covent Garden, Metropolitan Opera, San Francisco Opera e na Los Angeles Music Centre Opera. Foi na década de noventa que começou a explorar paisagens abstratas e, nos anos que se seguem, a sua arte torna-se mais tecnológica com o uso do iPad. Fez história com a sua pintura *Portrait of an Artist (Pool with Two Figures)*, vendida em leilão na Christie's Auction House em NY por noventa milhões de dólares, tornando-se na peça de arte mais cara vendida por um artista vivo em leilão, título que perdeu recentemente. Atualmente, as suas obras encontram-se nas coleções do The Museum of Modern Art em NY, no Centre Georges Pompidou em Paris, no J. Paul Getty Museum em LA, e na National Gallery of Victoria em Melbourne.

Andy Warhol (EUA, 1928 – 1987)

Foi artista plástico, cineasta, produtor cinematográfico e um dos principais artistas representantes da pop art nos anos sessenta. Começou a sua carreira na pintura nos finais de 1950, mas foi apenas na década seguinte, que a sua arte acabou por ganhar maior notoriedade com peças mundialmente famosas até à atualidade, nomeadamente as reproduções das latas de sopas *Campbell*, a famosa garrafa da *Coca-Cola*, os rostos de

Marilyn Monroe, Elvis Presley, Che Guevara e Liz Taylor, e as reproduções de ícones da arte, como a célebre Mona Lisa. Com estes, Warhol aludia à eminente cultura comercial massificada dos Estados Unidos da América e do Ocidente, na sua grande maioria, e à cultura de celebridades. Já a partir da década de setenta, começou a dedicar-se à música e ao cinema. O seu trabalho encontra-se, maioritariamente, no Andy Warhol Museum em Pittsburgh e, no ano da sua morte, foi estabelecida a Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, a pedido do mesmo.

Julio Alpuy (Uruguai, 1919 – 2009)

Alpuy era especialmente conhecido pelas suas paisagens cubistas coloridas e naturezas mortas. Nascido em Tacuarembó, as suas obras eram extremamente influenciadas pela vida rural que experienciou na sua infância. Em 1935, mudou-se para Montevideo onde conhece Joaquín Torres García. Foi aí que começou a sua carreira na docência. Usava inúmeras técnicas nos seus trabalhos e, aos vinte e quatro anos, desenvolveu a sua própria iconografia de formas geométricas e cores primárias. Nos anos que se seguem, as suas obras foram-se tornando cada vez mais cubistas. Já os seus últimos trabalhos apresentavam formas mais orgânicas com um estilo expressionista. Em 1961, mudou-se para NY, cidade na qual viria mais tarde a falecer, onde recebeu bolsas do National Endowment for the Arts, do New York Council for the Arts e da Gottlieb Foundation.

John Armstrong (UK, 1893 – 1973)

Estudou no St John's College, em Oxford e no St John's Wood School of Art, em Londres. O seu trabalho apresentava assuntos religiosos, possivelmente por influência de seu pai, sendo este clérigo. Foi após o seu serviço na Royal Field Artillery na Primeira Guerra Mundial que adquiriu um estilo surrealista. Foi artista, muralista e ainda designer de cinema, balé e teatro. Neste último, produziu designs para a ilustre peça *Macbeth*. Para além de ter participado na Primeira Guerra Mundial, participou também na Segunda, onde foi designado como um artista oficial de guerra, de 1940 a 1945. Em 1966 foi eleito como sócio da Royal Academy of Art de Londres.

Eddie Arning (USA, 1898 – 1983)

Arning passou grande parte da sua vida adulta institucionalizado por ter sido diagnosticado com esquizofrenia. Foi introduzido à arte por um membro da instituição em que se encontrava, e, como muitos outros, tudo o que aprendeu da mesma, fê-lo sozinho. Foi em 1964 que lhe ofereceram lápis, papel e livros de colorir pela primeira vez, o que fez despertar o seu artista interior. Apesar de ser autodidata e de não ter à sua disposição bons materiais para desenvolver a sua arte, Arning conseguiu adquirir rapidamente uma maior mestria no seu trabalho. Inicialmente, as suas obras eram maioritariamente autobiográficas, mas, posteriormente, começou a ganhar inspiração de jornais, fotos de revistas, e até mesmo de anúncios e outros materiais inseridos na *pop culture*. Em 1974, devido a vários impedimentos, deixou de desenhar. As suas obras encontram-se, maioritariamente, no Museum of Fine Arts em Boston, no Smithsonian American Art Museum, no Milwaukee Art Museum, e no American Folk Art Museum em NY.

John Banting (UK, 1902 – 1972)

Estudou na Westminster School of Art, em Londres, na Académie de la Grande Chaumière e na Académie Colarossi, em Paris. Inicialmente, os seus trabalhos eram inspirados no vorticismo, movimento artístico no qual se inspirou para vários desenhos e poemas de sua autoria. Em 1925, estabeleceu um estúdio na Fitzroy Street e ao mesmo tempo passou a estar associado com a *Bloomsbury group*. Já em 1930, de volta a Paris, conheceu André Breton, Alberto Giacometti e Marcel Duchamp. A partir daí, o seu trabalho começou a tomar um rumo mais surrealista e, para além disso, estreou-se com técnicas de gravura como água-forte e linóleo, com as quais produziu obras abstratas e naturalistas. Em 1936, fez parte da London International Surrealist Exhibition e, em 1938, foi convidado a fazer parte da International Surrealist Exhibition, em Paris, por Marcel Duchamp. Nos seus últimos anos de vida, dedicou-se, maioritariamente, à escrita. No entanto, continuou a contribuir com os seus trabalhos para exposições surrealistas.

Vanessa Bell (UK, 1879 – 1961)

Treinou na Royal Academy Schools e foi membro fundador do *Bloomsbury group*. Ficou conhecida não só por ser irmã de Virginia Woolf, mas sim pelos seus retratos coloridos, naturezas mortas, e designs de interiores e de capas de livros. Bell abrigava, já na altura, opiniões modernas sobre o feminismo, o casamento e as ordens sociais da época. Em 1912, exibiu os seus trabalhos na Second Post-Impressionist Exhibition nas Grafton Galleries, em Londres. Ao lado de Roger Fry, este que organizou a exposição anteriormente mencionada, e de Duncan Grant, fundaram *The Omega Workshop*, onde produziram desenhos em tecidos, móveis pintados, e cerâmica. Em 1916, teve a sua primeira exibição a solo nos *Omega Workshops* e outra mais tarde, em 1922, na London Independent Gallery. O seu trabalho continua a ser exposto em coleções por todo o mundo.

Hans Bellmer (Alemanha, 1902 – 1975)

Foi um fotógrafo, escritor, pintor e escultor fortemente associado ao surrealismo. Começou estudos em engenharia na Technische Hochschule, em Berlim, mas rapidamente percebeu que as suas verdadeiras paixões eram política e arte e, por isso, abandonou os estudos. O seu primeiro contacto com o surrealismo foi numa visita a Paris, em 1924. Com a subida do fascismo e do nazismo ao poder, Bellmer parou de trabalhar para ajudar o país, como forma de protesto. Foi a partir daí que estabeleceu a sua carreira artística ao criar a obra pela qual se tornou conhecido – *The Doll*. Em 1933, produziu a sua primeira boneca a partir de fibras de linho, juntamente com cola e gesso. O conjunto das fotografias que tirava às suas bonecas culminou num livro, *Die Puppe*, que significa *The Doll*. Esta obra tornou-se famosa pelo facto de abordar a sexualidade e a beleza das mulheres, numa altura em que um dos ideais Nazis era a obsessão pelo corpo perfeito. Ao longo da sua vida teve inúmeras exposições a solo, inclusive no Museum of Contemporary Art, em Chicago, no Centre Pompidou, em Paris e no International Center of Photography, em NY.

William Augustus Berry (USA, 1933 – 2010)

Berry ficou conhecido pelas suas ilustrações e pinturas a lápis de cor. Foi artista, professor de arte, autor, e detentor de um BFA na University of Texas e um MFA da University of Southern California. Para além disso, trabalhou também como ilustrador e pintor em NY. Nos anos sessenta, foi professor na University of Texas, onde se tornou o primeiro diretor de arte na *Texas Monthly Magazine* e onde escreveu o seu livro seminal intitulado *Drawing The Human Form*. Mais tarde, continuando a sua carreira como professor, lecionou na University of Boston e na University of Missouri. Reformou-se em 1999 como professor emérito de arte de curadores. A sua arte esteve em mais de 500 exposições por todo o mundo, pelas quais recebeu inúmeros prémios. Atualmente, os seus trabalhos encontram-se no Boston Museum of Fine Arts, na Addison Gallery, no Smith College Museum of Art, entre outros locais.

Janice Biala (Polónia, 1903 – 2000)

Ficou conhecida pelas suas pinturas de pátios, paisagens urbanas, retratos de amigos e interiores. O seu trabalho é visto como uma reinterpretação modernista de temas clássicos de retratos, paisagens e naturezas mortas. Durante a sua vida foi conhecida por diferentes nomes: o seu nome de nascença, Schenehaia Tworzkowska; o nome que adotou após ter imigrado, Janice Bernstein; e, mais tarde, Janice Tworzkov, que acabou por alterar para se desassociar do seu irmão, J. Tworzkov, tornando-se assim na Janice Biala, como o local onde nasceu. Passou a maior parte da sua vida entre NY e Paris e, em NY, tornou-se numa das únicas mulheres associadas à New York School of Abstract Expressionism. Os seus trabalhos encontram-se atualmente no The Whitney Museum of American Art em NY e no Centre Pompidou em Paris, entre outros.

Roger Bissière (França, 1886 – 1964)

Estudou em Bordéus e Paris e foi pintor, escultor, escritor sobre arte, e professor, tendo os seus primeiros trabalhos consistido em paisagens rurais. Em Paris, desenvolveu um estilo cubista, mas, mais tarde, nos anos cinquenta, virou o seu foco para o abstracionismo. Para além de artista, foi um dos maiores críticos de arte da época e escreveu para o *L'Opinion*. Foi também um dos contribuidores para a primeira

monografia sobre Braque. A sua exibição de 1951, intitulada *Quelques images sans titre*, foi fundamental para o avanço da sua carreira como artista. Já em 1964, deu-se a sua última exposição *Journal en images*, esta que foi trabalhada após a morte de sua mulher. Atualmente, a sua arte continua a fazer parte de várias coleções de museus por todo o mundo.

Emmy Bridgwater (UK, 1906 – 1999)

Estudou arte na Birmingham School of Art e na Grosvenor School of Art. Foi pintora, desenhista, colagista e poeta. Aquando da sua visita, em 1936, à International Surrealist Exhibition, em Londres, o seu rumo como artista ficou traçado e, assim, tornou-se membro do *Birmingham Group of Surrealists*. Esta exposição não só serviu como fonte de inspiração para Bridgewater, mas foi também através dela que esta conheceu outros artistas, mais tarde amigos, como Conroy Maddox e Edith Rimmington. Em 1942, teve a sua primeira exibição a solo na Jack Bilbo's Modern Art Gallery. No final dos anos quarenta, teve de pôr de parte o seu trabalho como artista, por questões familiares, e só nos anos setenta é que voltou. Nos anos seguintes, os seus trabalhos continuaram a ser exibidos em inúmeras exposições surrealistas. No entanto, já nos anos oitenta, acabou por voltar a parar o seu trabalho, falecendo em 1999. Emmy Bridgwater ficou conhecida pelo seu interesse, um pouco macabro, pela progressão degenerativa da vida e os seus trabalhos eram embebidos de uma melancolia que lhe era muito característica. Ocupou um lugar na história do surrealismo por ser uma automatista, sendo que o automatismo é uma técnica usada pelos surrealistas para criar obras de arte sem interferência da razão ou do controlo consciente.

Patrick Caulfield (UK, 1936 – 2005)

Pintor e gravador, instruiu-se na Chelsea School of Art, de 1956 a 1960, e no Royal College of Art de 1960 a 1963, onde estudou ao lado de David Hockney e Allen Jones. A sua arte era categorizada como fazendo parte do movimento pop art, Porém, Caulfield sempre se viu como um "formal artist". Os seus trabalhos mais característicos são feitos de objetos do dia-a-dia, saturados de cores, o que dá uma sensação de exótico a coisas comuns. Ao longo da sua vida, Caulfield viu os seus trabalhos expostos por todo o mundo,

nomeadamente no Musée National d'Histoire et d'Art (Luxemburgo), na Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa) e no Tate (Londres). Em 1987, foi nomeado para o Turner Prize e, em 1993, foi eleito Royal Academician. Atualmente, a sua arte continua exposta em inúmeras coleções em todo o mundo, e a marca que deixou na pintura e gravura inglesas segue muito presente.

Katarina Cerna (República Checa, 1937)

Estudou na Academy of Fine Arts em Praga, de 1957 a 1963. Durante o tempo em que estudou na academia, passou da pintura para a montagem, onde usa materiais como têmpera, papéis coloridos, rendas, cordões, retalhos de tecido, tinta, missangas, folha de metal, entre outros materiais. Apesar de ser considerada uma artista talentosa, Cerna recusava-se a fazer da arte um trabalho devido ao socialismo instalado na época. Foi apenas após o fim do socialismo na Checoslováquia, atualmente dissolvida na República Checa e na Eslováquia, que Katarina se dedicou devidamente à sua arte. Até se reformar, foi professora de educação artística na People's School of Art, em Praga. Os seus trabalhos estão, maioritariamente, expostos na coleção da National Gallery, também em Praga.

John Craxton (UK, 1922 – 2009)

Craxton é conhecido como sendo pintor, artista gráfico, e designer de peças de teatro. Estudou em Paris, em 1939, e em Londres, na Westminster School of Art e na Central School of Art. Nos primórdios do seu trabalho, foi um dos principais impulsionadores do neo-romantismo, onde retratava maioritariamente paisagens. Porém, após uma viagem pela Europa, de 1946 a 1947, o seu trabalho começou a ganhar influências do cubismo. Foi particularmente afetado pela sua visita à Grécia e, após esta, toda a sua arte era baseada na cultura e paisagens desse mesmo país, onde eventualmente ficou a morar. Nos anos setenta, regressou a Londres devido à realidade política da Grécia. As suas obras já foram mundialmente exibidas em vários museus, inclusive no Benaki Museum, na Grécia, no Fitzwilliam Museum, em Cambridge, entre outros.

Alan Davie (UK, 1920 – 2014)

Foi pintor, poeta, músico, artista gráfico, ourives e joalheiro. Estudou na Edinburgh College of Art, entre 1937 e 1940, e serviu na Royal Artillery de 1941 a 1946. Inspirou-se em artistas expressionistas abstratos e no surrealismo para criar a sua arte, porém, com um toque mais pessoal, desenvolveu a sua forma de expressão, que combinava imagens míticas, símbolos enigmáticos, e o zen budismo. Para além disso, a sua arte era também fortemente influenciada pela música, mais especificamente pelo jazz, sendo Davie um saxofonista. Em 1956, viajou pela primeira vez para os EUA, onde foi o artista escolhido para uma exibição a solo na Catherine Viviano Gallery. Recebeu vários prémios pelo seu trabalho, particularmente o prémio de melhor pintor estrangeiro no Bienal de São Paulo de 1963 e o primeiro prémio da International Graphics Exhibition, em Cracóvia, no ano 1966.

Jim Dine (USA, 1935)

Estudou na Ohio University e na Boston Museum School. O seu trabalho como pintor, artista gráfico e escultor foi influenciado pelo movimento pop art, mas, para além disso, foi também poeta. Usava objetos do dia-a-dia para produzir telas pintadas, contudo, os principais temas das suas composições eram o corpo, a identidade pessoal e a memória. Em NY, fez parte de um dos primeiros grupos de artes performativas, intitulado de *Happenings*. Apesar de o seu trabalho estar associado à pop art, Dine afastava-se um pouco da mesma por dar maior ênfase à introspeção e ao sentimento. Em 1964, foi convidado a participar na exposição no Pavilhão Americano do Bienal de Veneza. Já teve os seus trabalhos expostos em inúmeros museus e galerias em todo o mundo, inclusive na National Gallery of Art em WA, no Centre Georges Pompidou em Paris, na Albertina em Viena, entre outros. Jim Dine é, atualmente, conhecido como um dos melhores desenhistas vivos de todo o mundo.

Marchel Duchamp (França, 1887 – 1968)

Passou a sua vida a viajar entre a europa e os Estados Unidos da América, mas foi em Paris que começou a sua formação em pintura na Académie Julian. Os seus primeiros trabalhos eram influenciados pelo estilo Pós-Impressionista, mas ficou também associado ao surrealismo, ao cubismo e ao dadaísmo. Porém, Duchamp não acreditava que um

artista devia estar associado a um qualquer movimento. Tinha uma necessidade de se afastar da conformidade e de explorar territórios experimentais. Ao se afastar da pintura, começou a distanciar-se da arte em si e a aproximar-se da anti-arte. Nos anos vinte, Duchamp deixou de produzir arte e dedicou-se a jogar xadrez para o resto da sua vida. Foi um dos grandes contribuidores para a história da arte por questionar, criticar e ridicularizar as normas existentes.

Sonia Delaunay (Russia, 1885 – 1979)

Foi pintora, ilustradora, e designer têxtil, bem como pioneira da arte abstrata nos anos anteriores à primeira Guerra Mundial. Em Paris, a sua arte foi influenciada pelo pós-impressionismo e pelo fauvismo, mas foi com a sua participação no orfismo, também chamado de simultaneidade, que o seu legado ficou marcado. Desenhou figurinos para balés e óperas por toda a Europa e, em 1924, criou, pela primeira vez, a sua empresa de design de moda. Foi com Delaunay que surgiu o conceito *prêt-à-porter*, conhecido em português como “pronto a vestir”. Para além disso, ficou conhecida pelo uso de cores vivas e pelos seus padrões ousados. Em 1964, tornou-se na única mulher a ter feito uma exposição no Museu do Louvre durante a sua vida e foi homenageada com inúmeros prémios, como o French Légion d’Honneur, em 1975, o Chevalier des Arts et Lettres, em 1958, entre outros.

Leonor Fini (Argentina, 1908 – 1996)

Fini foi uma artista surrealista conhecida maioritariamente pelas suas pinturas góticas que se focam na identidade e sexualidade femininas. Para além disso, usava imagens mitológicas, em particular a esfinge – criatura com corpo de leão e uma cabeça humana –, que se tornou na sua imagem de marca. Foi a mais rebelde e autónoma surrealista e, por isso, muitas vezes estava contra com as ideias coletivas dos seus colegas. Em 1936, participou na International Surrealist Exhibition nas New Burlington Galleries em Londres, e na Fantastic Art, Dada, Surrealism no The Museum of Modern Art em NY. Em 1938, sua primeira exposição a solo foi na Julien Levy Gallery, também em NY. Apesar de ter nascido em Buenos Aires e vivido grande parte da sua vida em Trieste, foi em França que viveu e trabalhou até ao fim dos seus dias.

Gisèle Goby (França, b. 1908) ???

Gisèle Goby ou Gisèle Freund foi fotógrafa e ficou especialmente conhecida pelos seus retratos de artistas e escritores. Estudou Sociologia e História da Arte na University of Freiburg, em Breisgau, e, mais tarde, continuou os seus estudos no Institute for Social Sciences, em Frankfurt. Em 1933, sendo ela judia e oponente do nacional-socialismo que se instalava na Alemanha, fugiu para Paris juntamente com muitos outros refugiados. Apesar de forçada a largar os seus estudos em Frankfurt, continuou a sua pesquisa na *Sorbonne*. Fotografou das mais ilustres figuras artísticas e literárias do século vinte, sendo algumas delas Henri Matisse, T. S. Eliot, Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Colette, entre muitos outros. Foi em 1938 que começou a tirar retratos em cores, sendo por isso a primeira fotógrafa em França a usar filme colorido. Apesar de se ter tornado cidadã francesa através do casamento, em 1936 foi obrigada a fugir novamente devido às ocupações que estavam a decorrer em Paris. Na Argentina, em 1941, fotografou Jorge Luis Borges e Pablo Neruda. Já no México, conheceu e tornou-se amiga de Diego Rivera e de Frida Kahlo, ambos fotografados por Freund. Em 1953, voltou para Paris, onde viveu o resto da sua vida. Uns anos mais tarde, em 1968, fez uma exposição no Musée d'Art Moderne, em Paris, e em 1981 foi escolhida para tirar o retrato oficial do presidente francês da época, François Mitterrand. O seu livro mais conhecido é *Photographie et Société* (1974). Para além disso, recebeu prémios como o Grand Prix National des Arts, e foi nomeada, por Mitterrand, Officier des Arts et Lettres em 1982, e Chevalier de la Légion d'Honneur um ano mais tarde.

Duncan Grant (UK, 1885 – 1978)

Pintor e designer Pós-impressionista, conhecido pelas suas naturezas mortas, paisagens e figuras. Estudou na Westminster School of Art, em Londres, e mais tarde em Paris, onde estudou com Jacques-Émile Blanche. Depois de retornar a Londres, foi apresentado ao grupo *Bloomsbury* e produziu designs têxteis como parte dos *Omega Workshops* criados por Roger Fry. Apesar de ter sido escolhido para representar a Grã-Bretanha nas Bienais de Veneza de 1926, 1932 e 1940, o seu trabalho ficou esquecido nas décadas seguintes, após a Segunda Guerra Mundial, até ressurgir nos anos sessenta em

NY. Atualmente, as suas obras estão nas coleções da Tate Gallery e da National Portrait Gallery, ambas em Londres, bem como no The Metropolitan Museum of Art em NY.

Anexo III: Antologia de Poemas

MNAC

Alberto de Lacerda – Poemas

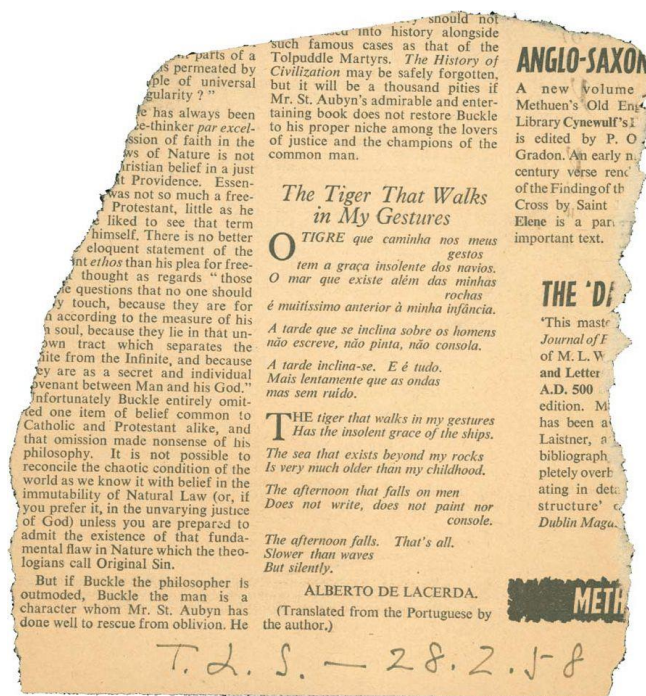


Fig.1: *The Tiger That Walks in My Gestures* – Publicado no Times Literary Supplement.

Viviana Filipa Marques Garcia

Conteúdo

Introdução	59
Biografia	60
Lugares	61
À CIDADE DE LISBOA.....	61
AUSTIN.....	62
ATELIER DE ARPAD SZENES.....	62
Pátria	63
A LÍNGUA PORTUGUESA	64
O MONSTRO	65
SONETO 108.....	66
Amigos	67
AUSTIN REVISITED.....	68
VERÃO.....	69
A Christopher Middleton	69
Sentimentos	70
AMOR.....	71
AGONIA.....	71
DECLARAÇÃO.....	72
SAUDADE.....	73
Obras Citadas	73

Introdução

Ao longo da sua vida, Alberto de Lacerda, escreveu inúmeros poemas, que teriam sido levados ao esquecimento, não fosse pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Luís Amorim de Sousa refere:

Acima de tudo, Alberto mantinha-se disponível para o poema, e a poesia nunca o abandonou. Visitava-o nos momentos mais banais do dia-a-dia, na intensidade de tudo o que o arrebatava. Tudo tinha expressão poética no mundo íntimo de Alberto de Lacerda. (Luís Amorim de Sousa, *Labareda — Poemas escolhidos* 5)

Estas palavras parecem descrever Alberto de Lacerda, o poeta, na perfeição. Alberto era arte e como poeta, Amorim de Sousa, diz ser diferente dos restantes “Poetas -poetas, todos eles, mas Alberto era diferente.” (Luís Amorim de Sousa, *Labareda — Poemas escolhidos* 5).

Nos seus poemas ficaram guardados sentimentos, memórias, pessoas, imagens, amigos, no fundo encontramos neles toda a sua vida, esta eternizada pela sua escrita. Escreveu sobre os sítios por onde passou, desde Lisboa a Austin. Em Austin escreveu o seu poema mais curto, intitulado *Paraíso*. Este está gravado na pedra da sua campa no cemitério de Brompton, em Chelsea (Londres), bairro este que dizia ser o seu preferido. Louvou amizades nos seus versos e todos os seus livros incluem dedicatórias para os amigos, sejam estas pequenos poemas soltos ou até mesmo livros inteiros.

A seleção de poemas que vão encontrar no decorrer do texto foi fundamentada por gosto pessoal. Sendo que, os temas foram escolhidos por representarem a essência de Alberto de Lacerda, esta que transparece em cada um dos seus poemas. Primeiramente, encontrarão poemas relacionados com locais por onde passou. De seguida, poemas relacionados com a sua pátria. Posteriormente, poemas dedicados a amigos. Por fim, poemas que invocam sentimentos, nomeadamente a liberdade, o amor e a dor.

Biografia

Alberto de Lacerda (1928–2007) foi um notável poeta e crítico português, nascido em Moçambique. Desde cedo, Lacerda esteve imerso em um mundo de diversas culturas e línguas. Aos 16 anos mudou-se para Lisboa, onde começou verdadeiramente o seu percurso poético.

Na década de 1950, prosseguiu o seu amor pela literatura estudando literatura inglesa na Universidade de Londres. Lá, encontrou inspiração nas obras de T.S. Eliot e W.B. Yeats, cuja poesia modernista influenciaria profundamente o seu próprio estilo de escrita. A sua poesia, repleta de intensidade lírica e formas experimentais, mergulhou em temas de amor, exílio e busca de identidade.

Apesar de enfrentar desafios pessoais, incluindo crises de depressão e dificuldades financeiras, a poesia de Lacerda ganhou reconhecimento internacional pela sua profundidade emocional e musicalidade. Traduzido para vários idiomas, o seu trabalho transcendeu fronteiras, cativando leitores de todo o mundo.

Em 1992, Alberto regressou a Lisboa, onde continuou a partilhar a sua paixão pela poesia através do ensino e orientação de jovens escritores. O seu legado perdura como um dos poetas mais influentes de Portugal, e as suas palavras ressoam nos leitores através da sua beleza e profunda visão da experiência humana.



Fig. 1: Retrato de Alberto de Lacerda por Arpad Szenes (Hungria/França, 1897-1985).

Lugares

Escreveu sobre os lugares que visitou devido à sua formação multicultural, exposição a diversos ambientes e interesse em explorar diferentes localizações geográficas. Vivendo em Moçambique, Portugal, Inglaterra e Estados Unidos, inspirou-se nas paisagens e culturas que encontrou. A sua poesia explorou frequentemente temas de identidade e pertencimento, refletindo sobre o significado do lugar na formação das experiências humanas. Através da sua escrita, Alberto capturou a essência de cada lugar por onde passou, tecendo-os na estrutura da sua expressão poética.



Fig. 2: *Arieiro* por Carlos Botelho (Portugal, 1899-1982).

À CIDADE DE LISBOA

Apesar do horror em que vives mergulhada
 Apesar do horror em que vivemos mergulhados
 Hei-de sentir saudades quando partir de novo
 Quando partir de novo sem saudades nenhuma

1962

Em *Exílio e Selected Poems*

AUSTIN

Há qualquer coisa de divino aqui
 Uma brisa que vem não sei de onde
 Um instinto de paz e de alegria
 Um espaço vasto majestoso e simples
 Uma doçura nas gentes

sobretudo

No seu olhar tranquilo
 Uma lentidão de animal suave
 Poderoso e belo

Aqui

de muito antiga

ergue-se

Uma brisa

de luz doirada

É tão antiga

Que nos murmura

Aos ouvidos mortais e encantados:

Paraíso

paraíso

1975

Em “Austin” publicado por Pablo Beltrán de Heredia, Santander, 1977, *Meio-Dia e Labareda*

ATELIER DE ARPAD SZENES

Traves

Pedras com olhos

Cabeça dupla de madeira sobre o muro

Ó escada súbita

Mais súbita que a luz entre as janelas

Concha

Que mil e muitas noites transformaram

Em pedra muito clara

Um vento imóvel sopra

Na janela africana debruçada

Com seus ídolos sobre o espaço verde

(A batalha secreta em pleno dia

É dentro das paredes que se passa)

Telas

Litorais sem fim onde transita

A inocência para a luz atormentada

Em *Opus 7 (Oferenda II)* e *Labareda*

Pátria

Escreveu sobre o seu país, Portugal, por ocupar um lugar importante na sua identidade e história pessoal. Escrever sobre Portugal permitiu a Lacerda explorar temas de identidade, cultura e história nacionais. Foi profundamente influenciado pela riqueza cultural e pelas tradições literárias de Portugal, que moldaram a sua voz poética. Além disso, as suas experiências de vida no estrangeiro provavelmente despertaram um sentimento de nostalgia e saudade da sua terra natal, levando-o a refletir sobre Portugal na sua poesia. A exploração de Portugal na sua escrita pode ter sido uma forma de ele lidar com as complexidades da sua própria identidade como escritor português que viveu no exílio ou na diáspora durante partes da sua vida. Através da sua poesia, poderá ter procurado conciliar os seus sentimentos de apego a Portugal com as suas experiências de deslocação e saudade de casa. No geral, escrever sobre a sua pátria permitiu-lhe celebrar

a sua beleza, história e cultura, enquanto explorava o seu próprio sentido de pertença e ligação a Portugal.



Fig. 3: Alberto de Lacerda, Lisboa, 1976 – fotografado por Mário Cesariny.

A LÍNGUA PORTUGUESA

Esta língua que eu amo
Com seu bárbaro lanho
Seu mel
Seu helénico sal
E azeitona
Esta limpidez
Que se nimba
De surda
Quanta vez
Esta maravilha
Assassinadíssima
Por quase todos que a falam
Este requebro
Esta ânfora
Cantante
Esta máscula espada

Graciosíssima
Capaz de brandir os caminhos todos
De todos os ares
De todas as danças
Esta voz
Esta língua
Soberba
Capaz de todas as cores
Todas os riscos
De expressão
(E ganha sempre a partida)
Esta língua portuguesa
Capaz de tudo
Como uma mulher realmente
Apaixonada
Esta língua
É minha Índia constante
Minha núpcia ininterrupta
Meu amor para sempre
Minha libertagem
Minha eterna
Virgindade

Em Exílio, Selected Poems e Labareda

O MONSTRO

Apesar da luz de maravilha
Apesar da paisagem que é soberba
Apesar de Lisboa
Camoniana princesa

Apesar de ter sido português
Dom Pedro Primeiro
Que era apaixonado e justiceiro
Rei da desditosa
Pátria minha amada
O exílio é aqui
Nesta terra usurpada
Pelo Monstro
Que não morre mas mata

Portugal

11.12.1962

Em *Exílio*

SONETO 108

A lingua portuguesa, sua anca
Arcaica no futuro me combina
A complexa resplandecente e franca
Paixão que me cavalga e eu domino,

Senhor e servo, meu monstro arcangélico
Em que acredito mais que o próprio mundo
Acredita no mundo, fúria fálica
Que partilhas, amor, naquele fundo

Onde as formas atingem a essência,
Escrita nua, monumental e pura,
Linguagem-corpo, corpo em transparência
Onde as próprias feridas transfiguram,

E faço amor com a portuguesa lingua
Que me possui e que eu possuo, linda

Florença

13.7.1972

Em *Sonetos e Labareda*

Amigos

Escreveu sobre os seus amigos porque esses eram parte integrante da sua vida e das suas experiências. As amizades de Lacerda proporcionaram-lhe inspiração, apoio e um senso de camaradagem, que acabou por refletir na sua poesia. Escrever sobre os seus amigos permitiu que este explorasse temas de conexão humana, intimidade e experiências compartilhadas. Através da sua poesia, celebrou as personalidades, peculiaridades e relacionamentos únicos que compartilhava com os seus amigos, capturando todo o tipo de momentos. Além disso, escrever sobre os seus amigos poderia ter servido como forma de homenagem às pessoas que o influenciaram e moldaram pessoal e criativamente. Ao imortalizá-los na sua poesia, honrou o significado que esses tiveram na sua vida e no seu percurso artístico. No geral, escrever sobre os seus amigos proporcionou a Lacerda um meio de expressar o seu apreço, amor e compreensão pelas pessoas que eram importantes para ele.



Fig. 4: Com Svatova Jakobson, Austin, 1975.

AUSTIN REVISITED

A Svatova Jakobson

O verde é muito verde

A luz é mais clara

Do que nunca

As recordações são do tamanho

Do coração transbordante

O calor é Apolo

Perpendicular à terra

Os pássaros

os esquilos

Atravessam a imaginação numa diagonal sem fim

Austin

15.5.1975

Em *Meio-Dia e Labareda*

VERÃO

para a Menez

Verão em pleno campo de batalha

Amoroso

O curandeiro

Deitado lindo de uma ponta a outra do universo

Verão-cisne

Desejo

Erguendo-se lentamente

Até atingir o meio-dia

Justo

Londres

20-21.6.1975

Texto datilografado de “Verão”, inédito

A Christopher

Middleton

Não há ruínas

Mas há rochas

Antiquíssimas

Há um voo imemorial

Da memória

Há animais pouco habituados

Ao olhar humano

Há um vento gentil que se desloca

Parede invisível

Neste céu em espiral

Como no amor

Tudo aqui está saturado de sonho

De metamorfose

Austin

19.5.1975

Em *Meio-Dia*

Sentimentos

Escreveu sobre sentimentos porque estes eram fundamentais para a sua expressão poética. A sua poesia explorou as complexidades das emoções humanas, como o amor, a saudade, a alegria e a tristeza, oferecendo uma visão sobre a condição humana. Escrever sobre sentimentos permitiu-lhe conectar-se com os leitores a um nível profundamente pessoal e universal, servindo como meio de auto-expressão, catarse e empatia. Através da sua poesia, Alberto navegou pelos altos e baixos da vida, criando obras que eram ao mesmo tempo profundamente introspetivas e universalmente ressonantes.



Fig. 5: José Escada (Portugal 1935-1980).

AMOR

Apesar de tudo há um caso de amor
Entre mim e a vida

1958

Em *Palácio*

AGONIA

E entre os sons brutais da rua linda,
Desenhada nas mãos dessa cidade,
Sinto morrer uma espiral que ainda
Tortura o meu desejo de verdade.

E entre rostos, muros, solidões,
Prédios sem música, alheios, vazios,
Arrastei esse dia, esses milhões
De dias desse dia, ó fonte, ó rios!

Momento dos momentos (provocando
A eclosão do nó do universo
Na minha vida anónima) criando
Círculos infinitos como um verso,

Ó clarão! Ó sombra! Perplexidade.
Ó luz, eu morro. Eu morro, verdade.

Lisboa

5.11.1962

Em *Exílio*

DECLARAÇÃO

Ao pé do rio corre a minha vida
Ao pé dos barcos habitados
Ao pé da luz de Outono em pleno Julho
Por entre a multidão de King's Road
Ao pé da esperança
Selvagem como um Deus

Exactamente em Chelsea

Exactamente em Londres

Exactamente

No centro

Da liberdade

1963

Em *Cor: Azul (Ofrenda I)* e *Labareda*

SAUDADE

Londres acorda hoje
Afastada de mim

Em Janeiro suspensa
Em árvores nuas

Um frio horizontal transcendendo
A solidão primeva o fim do mundo
O sangue comunica com a morte a morte comunica com a dis-
tância a distância (música das esferas) abre as suas pétalas
por sobre o amor o labirinto fogo

Em *Mecânica Celeste (Oferenda II)* e *Selected Poems*

Obras Citadas

“Home”. Alberto de Lacerda. Web. 2 maio 2024 <https://www.albertodelacerda.com/>

Amorim de Sousa, Luís. *Às Sete no Sa Tortuga*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010. Impresso.

Amorim de Sousa, Luís. *Labareda — Poemas escolhidos*. Lisboa: Tinta-da-china, 2018. Impresso.